

Caderno do Folias nº 15

1º semestre de 2015



O Caderno do Foliás é um projeto do Foliás. As opiniões expressadas nos artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Os interessados em se comunicar com o Foliás devem escrever para:

Rua Ana Cintra, 213
Santa Cecília - São Paulo - SP
01201-060
foliasdarte@gmail.com

Projeto gráfico Humberto Vieira
Fotos Cacá Bernardes
Fotos páginas 22, 38 e 50
Fabio Kusuhara
Foto página 30
Morbach Portela
Produção Foliás

O Galpão do Foliás permanece em atividade devido aos recursos advindos da Lei de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo.





Caderno do Folias

2

Folias Galileu:
percursos de uma
percepção flutuante

10

Direção Folias Galileu

C

12

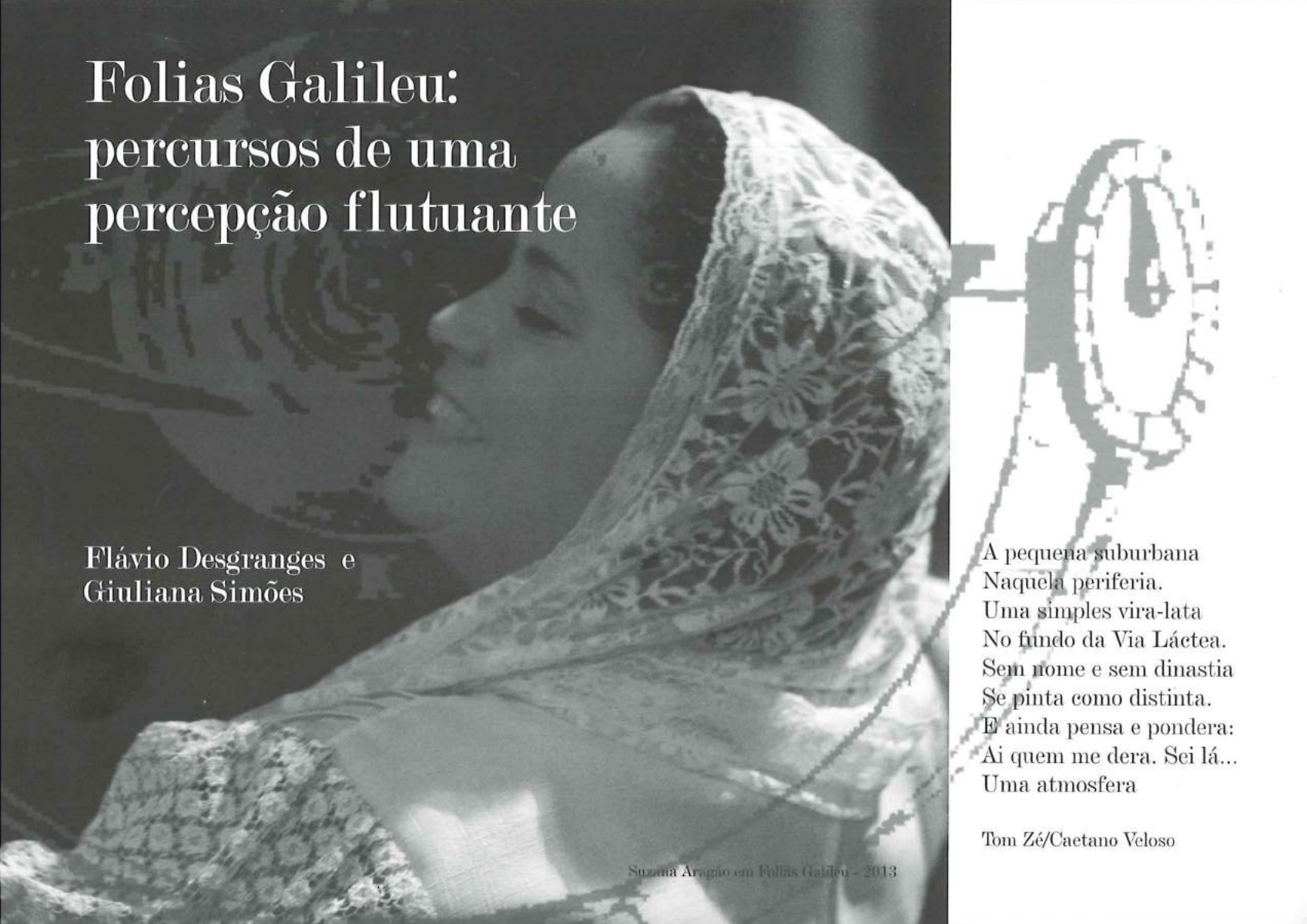
Texto Folias Galileu

38

Depoimentos

Folias Galileu: percursos de uma percepção flutuante

Flávio Desgranges e
Giuliana Simões



A pequena suburbana
Naquela periferia.
Uma simples vira-lata
No fundo da Via Láctea.
Sem nome e sem dinastia
Se pinta como distinta.
E ainda pensa e pondera:
Ai quem me dera. Sei lá...
Uma atmosfera

Tom Zé/Caetano Veloso

Podemos encontrar no espetáculo *Folias Galileu* evidências de uma proposta artística que não se fixa em um ponto central, mas que se abre para os cantos, para o gesto insignificante, em que tudo pode ganhar sentido. Desprovida de um centro claramente definido, que poderia servir como guia para a leitura, “a compreensão se torna parcial, se contradiz e se interrompe, ela falha e retorna, vibra – e, dessa maneira, torna-se experiência”¹. O que sugere uma teatralidade que recusa a compreensão como fim determinado a ser atingido, que não quer deixar o ato de leitura limpidamente organizado e claramente apreensível.

Ou seja, da falha no entendimento, da incompreensibilidade, ou da leitura que não tem o conhecido e o compreendido como destino final, que não se conduz em torno de uma perspectiva central, mas se desvia para a margem, para o detalhe, para o sutil, pode se produzir experiência estética. Caracterizada por uma percepção flutuante, atenta e distraída ao mesmo tempo, que olha por variados pontos de vista e captura lances possíveis em pleno voo, o ato proposto ao espectador se aproxima da invenção, da ideia de suspensão e deslocamento, de correr riscos, percorrer traçados inesperados, desdobrar a proposta artística e criar algo singular.

Tal como a revolução científica deflagrada por Galileu Galilei, que bagunça o nosso entendimento acerca das hierarquias do universo ao retirar a Terra de seu lugar central, classificando-a como um planeta qualquer, que passa a habitar a periferia da Via Láctea, a proposta estética do Grupo *Folias* nos convida a experimentar essa instigante desorganização cosmogônica operada pelo astrônomo italiano. As cenas, criadas a partir da peça *Vida de Galileu*, de Bertolt Brecht, são apresentadas, ao mesmo tempo, nos mais diversos e inesperados espaços do galpão teatral do grupo. Estamos no espaço cênico, soltos e livres, passeando de um quadro para o outro, sem que qualquer ordenação das cenas precise ser respeitada. Para cada diferente percurso na visitaçã

dos quadros, novas possibilidades de sentido; para cada grupo de espectadores, distintas leituras em potencial, configurando camadas singulares de significados a serem estabelecidas.

“Herói ou canalha?”, como definir Galileu Galilei, astrônomo, físico, matemático e filósofo italiano? Galileu, o mensageiro das estrelas, aquele que demonstrou a instabilidade e pequenez do nosso planeta e abjurou, diante da igreja cruel e inquisidora, acerca de suas descobertas. A Terra, que repousava no centro do universo, se vê, desde então, lançada, rodopiando no espaço sideral, como uma simples vira-lata.

Durante a encenação, o sopro que acompanha o segredo de Andrea, discípulo de Galileu, que revela que “a terra se move”, chega até os nossos ouvidos. Esse sopro, pouco a pouco, se faz vento, que arrasta e bagunça as nossas certezas, ao dispersar quaisquer impressões e expectativas iniciais de encontro com uma cena que ordenadamente nos revelará a figura emblemática do cientista Galileu Galilei. Entramos e saímos do teatro sem encontrar o astrônomo, que não aparece em nenhuma das cenas, mas, ao mesmo tempo, nos deparamos com suas inquietações, nos encontramos na mesma condição de deriva em que se viu Galileu e os demais personagens que nele acreditavam ou não. No mesmo estado incômodo e oscilante, estamos colocados entre a potência de uma vontade revolucionária e a frustração ante a iminência de retorno da sempre e mesma acomodação conservadora.

Assim, vamos nos deslocando (e sendo deslocados) pelo espaço, nos deparando com elementos provocativos, instigantes, que solicitam de modo explícito a nossa atuação como espectador: uma fábula desfeita, que nos propõe um certo desconcerto na relação com o ambiente; cenas que entram em fricção com as anteriores; grupos de espectadores que passeiam pelo galpão, caminhando de um quadro para o outro, se cruzam e se entreolham; a cacofonia que invade o espaço sonoro, produzida pelas vozes das cenas simultâneas, que nos estimula a perceber, vez ou outra,

palavras e frases significativas que invadem, de modo aleatório, as cenas que estamos acompanhando; uma encenação que se presentifica em modo coral, composta como justaposição de várias e distintas vozes e personas; um protagonista ausente, que parece inacabado, ou que muda de configuração a cada encontro com outro personagem que se refere a ele de modo distinto.

A significação de cada elemento, e a relação desse com os demais, é definida pelas decisões que o espectador toma em seu trajeto de leitura, em função das escolhas que faz, das associações que estabelece entre as produções simbólicas com que se depara, por aquilo que opta em carregar como sentidos em potencial, e que continua sendo rearticulado por ele na sequência dos acontecimentos apresentados.

4 O que nos possibilita pensar que tal modo de produção artística suprime a relação entre sujeito e objeto que marcava a tradicional estética do drama. Não se trata mais de um sujeito-espectador que se debruça sobre um objeto-cena na perspectiva de entendê-la, porém de uma relação experiencial, em que a obra não se constitui somente como algo que está em cena mas também como aquilo que o espectador produz a partir do que lhe acontece. O espectador se vê convidado a experimentar esse modo de interação e passa a relacionar os elementos da escrita cênica a uma situação nele despertada, produzindo uma determinada condição de eficácia para a cena, que se efetiva a partir de sua relação com ela, que não pode mais ser realizada por meio da divisão entre sujeito e objeto. “Por conseguinte, o sentido não é mais algo a ser explicado, mas um efeito a ser experimentado”²

Assim concebida, a obra de arte não está previamente constituída, como algo afastado do sujeito, previamente concebido, em que o espectador é mero apreciador do já concluído. A obra só se configura de fato na produção do corpo-consciência daquele com quem se relaciona. Torna-se difícil separar a contribuição de um e do outro na relação entre o espectador e o texto cênico – incluindo

os gestos, palavras, sonoridades e demais elementos que o compõem. O espectador coloca-se em experiência, tornando-se sujeito e objeto no processo. Sujeito que cria, compreende, analisa, e objeto que é atravessado pela proposta artística; e torna-se objeto da própria observação, atento às suas expectativas, memórias, hipóteses, antecipações, convicções, comportamentos.

Essa maleabilidade dos signos, ou mesmo a falta de constituição destes - o que se estabelece como proposição de jogo e pode ser tomado como incitamento à emancipação do espectador -, propõe um regime de sensibilidade distinto, que possibilita ao leitor tomar cada produção surgida no decorrer do processo, seja intencional ou furtiva - um gesto casual do ator, um barulho vindo de fora, um jorro imagético inesperado advindo das profundezas da memória, ou mesmo um afeto de difícil caracterização -, como significante legitimamente constituído, que pode ser integrado ao ato de leitura. O pensamento se coloca em diálogo com o não-pensamento, o dito com o imprevisível, as relações concebidas racionalmente com as associações involuntárias.

A partir dessa perspectiva, o percurso de leitura do texto cênico suscita no espectador, tornado participante, uma infinidade de sensações, imagens, sonoridades, lembradas e inventadas, e que são revistas, modificadas, recriadas no decorrer do próprio processo. Cada novo elemento de significação que surge no avançar da leitura, proposto intencionalmente pelo artista ou não - um personagem desconhecido, uma palavra dissonante, uma ação surpreendente, uma reação de alguém da plateia, um ruído inesperado -, estimula o espectador a revisitar o arsenal de lances perceptivos, mnemônicos e inventivos produzidos por ele até então, teendo novas associações possíveis, outras possibilidades de análise. Nesse processo, o espectador carrega algumas alternativas das provisórias produções simbólicas que vai gerando no decorrer do ato, e abandona outras, que perdem sentido ao serem relacionadas com os novos elementos cênicos que vão surgindo no

evento. De modo que qualquer interpretação final realizada pelo espectador nunca abarca os tantos lances forjados por ele no percurso, e mesmo as produções passageiras e descartadas no trajeto não podem ser desconsideradas em sua relevância, em seu potencial de sentidos e de efetivação estética.

O espetáculo *Folias Galileu* evidencia essa perspectiva de leitura, inviabilizando um fechamento de compreensão, impedindo uma interpretação unívoca, mantendo o processo permanentemente aberto, explicitando essa tática de concepção dos procedimentos, de (des)organização dos elementos de significação, de relação com o material ficcional. O que pode ser pensado como ruptura com a tradição secular do drama, que caracteriza o regime de sensibilidade vigente.

O performativo posto em debate.

Tivemos a oportunidade de propor dois debates performativos³ a partir de *Folias Galileu*, buscando evidenciar o modo de produção do público em sua relação com o espetáculo, e enunciar, em ato coletivo, uma poética dos espectadores. A noção de debate performativo se organiza a partir de procedimentos que emergem da nossa experiência como espectadores e como pesquisadores da recepção teatral. O ponto central da pesquisa é desencadear no espectador o desdobramento e o reconhecimento da poesia que ele próprio, como receptor da obra, é capaz de criar enquanto se relaciona com o espetáculo. Poesia que surge a partir das imagens oferecidas pelo espetáculo e das memórias revisitadas de suas experiências estéticas e históricas. Buscamos, a partir dos debates, trazer à tona e decifrar aspectos instigantes da experiência receptora e produtora que surge da relação entre espectador e proposição artística.

A nossa tentativa consiste em observar como aquele que assiste a um espetáculo, além de colocar-se como tradutor da obra,

a partir de experiências pessoais e legítimas, coloca-se também como espectador consciente de seu ato criativo, receptor atento ao fato de que a obra conta com o seu ato de leitura para efetivar-se como tal, que se vê provocado a realizar o seu gesto criativo a partir de um possível movimento oscilatório que passeia por entre diversos estímulos, motivados ora pela cena, ora por sensações, afetos e memórias íntimas, pessoais e sociais, materiais recolhidos nas ruas por onde caminhamos.

Com os debates performativos, intentamos descortinar alguns desses elementos de leitura, ou chaves de pensamento que operam na relação que o espectador trava com a proposição artística, almejamos desvendar o mosaico de impressões que o coletivo de espectadores enuncia ao reverberar conjuntamente os impactos provocados pela encenação. Para isso, buscamos deixar claro, desde o início, que não estamos em busca de um debate tradicional que pretende contemplar o que o espetáculo quis dizer. Não queremos, nem nos sentimos autorizados a estabelecer vetores de leitura ou mesmo explicar para o espectador aquilo que ele deveria entender. Estamos, ao contrário, buscando como o espetáculo atingiu, atravessou a cada um de nós. Ou seja, nos importa menos a busca de responder a pergunta “o que isso quer dizer?” e mais a tentativa de enfrentar a questão “o que aconteceu comigo?”.

A pergunta chave, que norteou os debates performativos realizados a partir de *Folias Galileu*, que dizia respeito ao modo como as cenas apresentadas atingiram cada um dos espectadores, aponta para a revelação de impressões que se configuram de maneira pessoal e intransferível. O espectador se percebe, portanto, também como um pesquisador; tanto na relação com o espetáculo que assistiu, quanto na observação de si mesmo, na maneira com que toma a si como objeto de análise, atento aos impactos e percursos da própria percepção.

Os processos propostos aos espectadores nesses debates

foram concebidos a partir de elementos estéticos presentes no próprio espetáculo do Grupo Folias, a partir de associações efetivadas no momento em que assistimos à encenação, em que, juntamente com outros espectadores, vivenciamos a experiência artística, e também a partir de estudos acerca da recepção teatral que organizamos de maneira diversa a cada encontro. O termo performativo surge de uma das características estéticas que notamos como central nos coletivos de teatro atuais, que trabalham a partir de tal condição performativa, colocando o imprevisível como condição vital para a cena, e provocando, de maneiras diversas, o entrecruzamento da relação entre arte e vida. Nos debates, buscamos evidenciar como nós, espectadores, atuamos na mesma dimensão, com a mesma postura, o mesmo modo performativo, ao nos relacionarmos com proposta estética assim concebida.

6 Em Folias Galileu tivemos um espaço finamente propício a essa pesquisa. O espetáculo, organizado a partir da flutuação das cenas, colocava também em plena flutuação a nossa percepção, que, atenta às sutilezas, capturava lances inesperados e significativos, descobertos a cada instante do evento. Assim que abrimos o debate, perguntamos como os espectadores observaram uns aos outros, se alguém poderia narrar alguma imagem ou gesto significativo percebido nos demais espectadores durante o espetáculo. Uma participante ressaltou que, na cena do Padre - que acontecia no banheiro masculino do teatro, em que o mesmo sofria com intensas dores de barriga enquanto lia as incômodas descobertas de Galileu -, como a cena não podia ser vista, pois o personagem estava trancado no banheiro e os espectadores apenas ouviam o som de suas palavras e aquele proveniente de suas necessidades fisiológicas -, a cena, ou o que havia de visível nela, acontecia especialmente no rosto dos outros espectadores, que reagiam corporalmente às falas e sonoridades vindas de dentro do banheiro. Essa espectadora ressaltou como isso era premente para

que os espectadores observassem uns aos outros: “você não vê o ator, só vê os espectadores e suas reações”. Os gestos dos espectadores eram tomados como significantes que, a cada sessão, participavam de modo distinto e imprevisível da composição cênica.

Diante da mesma pergunta, acerca da observação dos demais espectadores, outro participante observou, ao comentar a mesma cena do banheiro, que não existia qualquer odor desagradável no local, mas na reação dos espectadores sim. Era como se a percepção de cada espectador, em sua relação sensorial já experimentada em outros banheiros, eutecasse a sua memória fazendo surgir o cheiro inexistente. Em todos os presentes se tornava perceptível a clara expressão de desagrado.

Diante da mesma questão, acerca das reações e gestos significativos dos demais espectadores, ouvimos um participante do debate comentar como as estolas - elemento de vestimenta comumente usados por padres em atos religiosos -, e que eram distribuídas para serem utilizadas por cada um dos espectadores durante todo o espetáculo, abria sentidos em potencial. Receber e vestir a estola colorida, oferecida pelos personagens que nos recebiam no início do espetáculo, já nos trazia um desafio, um enigma, uma provocação de como integrar aquele elemento à leitura do espetáculo. Todos os espectadores passeavam pelo galpão, enquanto assistiam as cenas, vestidos com estolas. Estávamos posicionados como padres, convidados a analisar a validade das descobertas de Galileu? O modo com que cada espectador vestia a estola parecia significativo. Um dos participantes comentou como um outro espectador, que estava todo trajado com roupa preta, se parecia com um padre ao vestir a estola. Como se a combinação daquela roupa preta com a estola vermelha compusesse um possível figurino, e aquele espectador pudesse ser percebido como um personagem, ainda que sem função claramente definida. Um personagem tão impactante quanto

desnecessário, como um religioso que passeasse pelo teatro sem função definida, mas que poderia participar das injunções, associações e opções de leitura realizadas pelos demais espectadores.

O mesmo participante do debate relatou ainda que esse espectador vestido de preto trazia outra característica que lhe parecia significativa: tinha os cabelos curtos e oxigenados. A roupa preta, a estola vermelha e o cabelo louro pintado fazia surgir em sua memória um outro espetáculo teatral, em que o ator tinha um figurino e um cabelo semelhantes. A peça que lhe vinha à cabeça era *A Trágica História do Dr. Fausto*, escrita no século XVI pelo dramaturgo inglês Christopher Marlowe, e o personagem que surgia a partir da visão daquele espectador de cabelos louros era Mefistófeles, figura demoníaca a quem Fausto pede poder e conhecimento, oferecendo em troca a própria alma. As possibilidades de associação entre um espetáculo teatral e outro surgia como enigma a ser decifrado: Por que a memória de Fausto surgia agora durante a encenação de Galileu? Como relacionar Fausto com Galileu? Há relações possíveis a serem estabelecidas a partir da confrontação surgida de maneira aleatória entre os dois espetáculos? Será que o pacto que Fausto fez com Mefistófeles, oferecendo-lhe em troca a própria alma, poderia ser relacionado com as agruras e a capitulação de Galileu ante as ameaças da inquisição?

Esse exemplo, assim como os anteriores, enuncia de que modo a relação entre proposta estética e espectador pode ser compreendida como uma via de mão dupla, em que as estruturas da proposição artística conquistam legitimidade na medida em que estimulam atos produtivos. A produção dos atos engendrada pelo espectador, contudo, foge ao controle total do artista, especialmente em propostas marcadas por evidente caráter performativo. Nesse hiato entre o que é proposto e o que é produzido que se origina o potencial artístico da recepção. O artista

e o espectador participam de um jogo; "jogo que sequer se iniciaria se o texto [a proposta artística] pretendesse ser algo mais do que uma regra de jogo"⁴. O prazer da leitura se efetiva no momento em que nossa inventividade é acionada, em que nossa produtividade entra em jogo.

Entre os variados dispositivos propostos durante os debates performativos realizados a partir de *Folias Galileu* podemos destacar o casaco-varal, um paletó cravejado de pregadores de roupa em que os espectadores penduravam alguns papéis em que escreviam algumas palavras ou frases acerca da experiência estética em questão. O que, ao final, resultava em um casaco um tanto estilizado, que, repleto de papéis pendurados, assemelhando-se a um varal ou a um cordel de pensamentos poéticos e reflexivos, que carregava dizeres de cada um dos participantes acerca de sua relação com o espetáculo. Esse casaco foi vestido pelos participantes do debate em dispositivo posterior, como demonstraremos a seguir. Os dizeres escritos nos papéis buscavam responder a pergunta proposta aos espectadores acerca do que Galileu e as suas ideias, tal como apresentados na proposta estética do *Folias*, poderiam se relacionar com cada um de nós nos dias de hoje: O que Galileu tem a ver com você? Pedimos que todos escrevessem em pequenos pedaços de papel e prendessem as suas respostas no casaco, posicionado no meio da sala.

As respostas presas no casaco-varal surgiam de maneiras variadas, frases mais ou menos completas ou palavras soltas que faziam emergir reflexões singulares, e traziam abordagens distintas acerca de como a encenação ressoava em cada um dos participantes, compondo um mosaico multiforme de ideias, ou mesmo um cordel de pensamentos disjuntos, que, quando lidos em sequência aleatória, poderiam suscitar um ato poético coletivo, com potencial de sentidos a ser elaborado pelos próprios participantes do debate. Os escritos dos espectadores traziam expressões que indicavam: a "dificuldade diante das mudanças", o risco de

ficarmos paralisados ante “o medo da dúvida”, ou como o temor e as ameaças poderiam provocar “o abandono dos sonhos”, ou nos faziam questionar sobre a efetiva “necessidade de traição de nossos princípios”, ou ressaltavam a ampliação da percepção motivada pela “pluralidade dos olhares”, ou traziam à tona “a dualidade entre um modus operandi já estabelecido e novas possibilidades criativas”, entre outras respostas. As sentenças pareciam enunciar diálogo instigante entre passado e presente, entre as dificuldades enfrentadas pelo astrônomo em sua época e as enfrentadas por nós no tempo histórico atual.

Esse salto no continuum do tempo, que coloca em diálogo as tensões do passado e as do presente, oxigenando os sonhos sonhados e sufocados de nossos antepassados, para que invadam e transformem o presente e o futuro, produz uma espécie de fagulha, um lampejo que nos permite estranhar e tomar sob nova perspectiva o que normalmente nos pareceria imperceptível. E nos convida a estancar e interseccionar o agora do tempo em que passado, presente e futuro se encontram, se relacionam, se influenciam, se modificam mutuamente.

Ou seja, as impressões dos participantes traçavam relações, tanto com os experimentos e descobertas científicas de Galileu acerca de suas observações do universo, e suas agruras na relação com a Igreja, quanto com a necessidade, urgente e atual, de defender e de sustentar o vigor de ideias subversivas diante de uma sociedade hostil e temerosa às mudanças. De modo que os impactos que marcaram o processo de leitura de cada espectador interferia e colaborava para o esboço de invenção de uma outra cena, que era composta naquele momento pelos gestos desferidos por cada integrante do coletivo de espectadores.

As elaborações dos participantes durante o debate deixam ver como determinada proposição artística, no caso a encenação de *Folias Galileu*, que escancara as possibilidades variadas de vetores de leitura, pode colocar em xeque o nosso olhar para o mundo lá

fora, e mesmo para o nosso universo interno. E pode nos retirar da temporalidade usual da vida cotidiana e instaurar um tempo estendido, um contratempo, ou um tempo do contra, que faz convite a que abandonemos a racionalidade instrumental que comanda o modo perceptivo habitual e nos lancemos em dimensões profundas da psique.

Dentre os dispositivos performativos utilizados nesse debate podemos destacar outro, que nos coloca novamente frente à decifração de aspectos fundamentais dessa trama que se forma entre a poesia proposta pelos artistas e a poesia, em pleno processo, organizada pelos espectadores. Estamos nos referindo ao momento em que pedimos aos espectadores que relatassem alguma experiência pessoal que, surgida da memória, tivesse vindo à tona durante o espetáculo ou mesmo durante o debate sobre as cenas. Entre os relatos, vale destacar a situação surgida da memória de um jovem participante que, vestido com o casaco-varal, carregado das frases e dos intentos de todo o coletivo de espectadores, narrou um fato que tinha ocorrido havia pouco tempo: contou que, certa vez, por ocasião de uma festa junina, esperava ansiosamente que um vestido ficasse pronto para que ele pudesse usar no dia em que o evento ocorreria em sua cidade. Ele usaria um vestido de noiva durante o casamento que ocorre tradicionalmente nas festas juninas, e isso o apavorava, por vestir-se de mulher em público, mas também o alegrava, pelo desafio de enfrentar os olhares e julgamentos dos outros, e realizar algo que tinha vontade de fazer. A memória dessa situação ocorreu para o espectador enquanto assistia a cena em que Virgínia, a filha de Galileu, aparece costurando um enorme vestido de noiva e conta que seu pai, com suas ideias novas e desconcertantes acerca do universo, havia tornado seu casamento impossível.

O fato pessoal relatado pelo participante e a angústia de sua experiência pessoal ante aquela situação que irrompia agora em nosso debate, colocava em tensão dados reais com elementos

ficcionalis. A cena do espetáculo era interrompida por outra cena, aquela advinda da memória involuntária durante o processo de leitura. Ou, dito de outro modo, a cena surgida da memória irrigava a cena do espetáculo. As associações possíveis de serem estabelecidas entre as duas cenas se configuravam como um enigma, solicitando decifração: Por que essa situação agora, parecia perguntar-se o jovem espectador? O que aconteceu comigo? Como relacionar a cena da festa junina com os elementos estéticos presentes no espetáculo? Talvez a ousadia de enfrentar e desafiar os juízos alheios? O certo é que a cena da filha de Galileu aparecia agora, não somente para o espectador que contou sobre o vestido que usaria na festa junina, mas para todos os demais ali presentes, iluminada pela cena revisitada por aquele participante. Do entrelaçamento entre arte e vida, próprio ao performativo, surgia, de modo inesperado, uma questão que não se resumia ao âmbito da vida privada, de interesse exclusivo daquele jovem, mas que tocava questões de interesse social, aspectos da vida pública, de interesse comum.

A tradução poética que faz o espectador da experiência artística não pode ser restrita à racional interpretação dos códigos de significação, pois busca recuperar o que, de súbito, foi deflagrado pela cena nos recônditos do corpo-pensamento. A apreciação estética atua na tensão entre o estado de desatenção, de flutuação, e o estado de atenção, que evoca o olhar mimucioso, o olhar que decifra. A cena contemporânea, tal como aqui evidenciado, deixa os seus significantes à mostra, nos levando a encarar os elementos cênicos em pleno processo de significância. Diante dessa cena escancarada, com perguntas desnudas, receitas e guias de leitura abandonados, é que podemos nos perceber como espectadores performers.

“O espectador entra e sai da narrativa, navegando segundo as imagens oferecidas ao seu olhar. O sentido aí não é redutivo. (...) Os arabescos do ator, a elasticidade do seu corpo, a

sinuosidade das formas que solicitam o olhar do espectador em primeiro plano, estão no domínio do desempenho. O espectador, longe de buscar um sentido para a imagem, deixa-se levar por esta performatividade em ação. Ele performa.”⁵

A partir da imagem do espectador performer podemos supor que o objeto artístico é capaz de desvendar um espaço que é, ao mesmo tempo, de encontro e confronto: encontro com a obra, com as imagens apresentadas, gestos e movimentos dos atores, cheiros e sons, por um lado, e, por outro, confronto com as questões pessoais e sociais, que tocam, de uma só vez, o íntimo e o político; tal como enigmas despertados pelos cheiros e sabores do passado que, subitamente, ressurgem durante o ato artístico.

Cada espaço do galpão do Folias se assemelhava, na trajetória em busca de Galileu, a uma ilha de sentidos, em cada canto podíamos encontrar uma espécie de instalação, um sítio capaz de falar por si mesmo, de falar conosco. Espaços de intersecções e de revoluções. Assim nos deslocávamos pelas cenas, tal como espectadores vira-latas, soltos no espaço, livres para acompanharmos a história em suas distintas possibilidades de sequenciamento, sem que uma cena se desenrolasse como antecedente ou por causa da outra. Em Folias Galileu, ao mesmo tempo em que acompanhávamos o modo com que o astrônomo italiano desestabilizou as hierarquias do universo, nos percebíamos em plena revolução espacial e sensitiva.

Flávio Desgranges - Professor do Departamento de Artes Cênicas da USP. Autor dos livros: *A Inversão da Olfadela: alterações no ato do espectador teatral*; *Pedagogia do Teatro: provocação e dialogismo*; e *A Pedagogia do Espectador*.

Giuliana Simões - Atriz e dramaturga, realiza pós-doutorado em Artes Cênicas na Unicamp. Autora do livro *Veto ao Modernismo no Teatro Brasileiro*.

1 - Hans-Thies Lehmann. *Motivos para descejar uma arte da não-compreensão*. In: *Urnlimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*. Florianópolis, UDESC, n.º9, pp. 141-152, 2007, p. 145.

2 - Wolfgang Iser. *Uma Teoria do Efeito Estético*, Vol. 1. São Paulo, Ed.34, 1996, p. 33.

3 - Os debates foram realizados em junho de 2013 e maio de 2014. Maiores detalhes acerca dos debates performativos podem ser observados no site de nosso grupo de pesquisas, o iNeTPE - Instável Núcleo de Estudos de Recepção Teatral: www.eea.usp.br/inerte.

4 - Wolfgang Iser. *Uma Teoria do Efeito Estético*, Vol.2. São Paulo, Ed.34, 1999, p. 10.

5 - Josette Féral. *Por uma poética da performatividade*. In: *Revista Sala Preta*, n. 8, 2008, p. 202.

Direção Folias Galileu

E eis que surgiu uma nova forma para o que viria a ser o novo espetáculo do FOLIAS...

O GALPÃO DO FOLIAS, espaço físico, gritava por ser ouvido...

O Projeto do Serroni urrava por novas formas...

Espectáculo em arena... semi-arena... no cantinho de trás... no cantinho da frente... plateia que gira em cima da arquibancada... abrindo portas para a rua... corredor... enfim... faltava usar ainda os recônditos ainda nunca explorados pelo público...

Mostrar aos nossos espectadores como éramos por dentro... aliás... também transformá-los de espectadores em participantes reais... daquilo que consideramos como TEATRO... um encontro real e sincero entre quem propõe a ação cênica e quem está lá para, junto, criar um momento único... de prazer estético... de discussão política... de reflexão crítica...

Parece sempre pretensioso... mas... essa é a utopia! Do Folias e de tantos outros...

GALILEU foi o provocador.

Enquanto observava estrelas percebia o movimento delas. Não estavam paradas. Moviam-se!

Heureca!

Coloquemos o público em movimento... mas não também um movimento uniforme... em massa... provoquemos nele uma necessidade de um olhar único... particular... explicitemos o conceito óbvio de que o outro jamais verá exatamente o mesmo que você... e vice-versa.

Necessita um mínimo de esforço sim. Não é passivo. É um olhar ativo. Necessita de pensamento. Necessita de participação efetiva... não obrigatoriamente interativa... mas cúmplice... parceira... lá vem a utopia novamente!

Mas o caos ainda não pôde ser completo. Ainda houve a necessidade de um mínimo de organização...

Surgem os condutores...

Aqueles que, também através de seus olhares, mostrariam ao público os caminhos a serem trilhados... trariam suas opiniões em seus corpos... em seus gestos... em suas relações... em sua condução...

E os grupos lá se iam... máximo de 10 pessoas em cada um deles... criar-se-ia intimidade...

* Lembrei muito de uma visita ao Museu Pablo Neruda e ao Centro Cultural Gabriela Mystral no Chile, nos quais, os respectivos condutores foram imprescindíveis no prazer do meu olhar.*

Ah... o prazer de ver o outro... de reparar em outros olhares... tentar ver o que o outro vê...

Equações matemáticas de percursos feitas... nenhuma se repetiria... iniciamos a jornada!

Veio o público! Ufa!

Gostaram... se olharam... sorriram... participaram (claro... uns mais outro menos)... percorreram os nossos espaços íntimos... do camarim ao banheiro... da cabine de som e luz ao "foyer"... ah... a rua... o bar Juvial... os atores do cotidiano... diversão e encontros únicos...

- Mas como você, como diretor, consegue controlar os seus atores?

Perguntou-me uma atriz amiga.

- Não controlo. Cada um tem a sua responsabilidade sobre a cena e também a obrigação de "escutar" o todo. Aliás, como diretor, eu nem consigo assistir o espetáculo inteiro. É impossível!

Sorri. Seguiu-se um silêncio...

(silêncio)

É o supra-sumo do conceito do Ator Criador.

Nem o diretor manda mais nele...

Ao mesmo tempo, a forma é dotada de uma pressão sobre cada um que é também cerecedora.

SINO BLÉIN! BLÉIN! BLÉIN! BLÉIN!

BLÉIN!

Cinco minutos

SINO BLÉIN... BLÉIN... BLÉIN... BLÉIN...

BLÉIN...

Dois minutos

E tudo se repete. DOZE vezes. DOZE cenas.

O tempo não para.

E um personagem parado... esperando... esperando... esperando...

E um ator sentado. Atuando... parado... atuando... parado... atuando... parado...

Chão cheio de pontas de cigarro...

Tudo parece girar... aliás... tudo gira...

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRÍTICOS DE ARTE viu também.

Parece que o espaço físico teve uma voz um pouco mais forte...

Aponta novos tempos! Ou não... ou sim...

Escutam-se novas vozes chegando...

"Vozes da Agonia"... novo projeto... vamos lá!

Bem... é isso.. that's all folks!



Texto Folias Galileu

INDIGNAÇÃO DE ANDREA – Cena Palco

Ator Criador – Rodrigo Scarpelli

Vamos lá velho!

Vamos brincar de tempos atrás?

De quando o senhor acreditava no homem e na força suave da sua razão. No tempo em que Mirar Adelante, era antecipar novos tempos, uma nova era, um novo homem e quem sabe até um novo Deus.

A brincadeira acabou homem!?

E eu fiquei aqui, tentando agarrar qualquer vestígio, tentando lembrar de quem eu era. De quem eu era quando nós eramos, a gente era mais que cientista, éramos descobridores. Agora são dias e dias em uma conversa surda, sem nada que justifique seu descaso.

Toda vez que seu nome cresceu, alcançou prestígio e atravessou as fronteiras da província foi quando o senhor se calou!

Prestígio? Foi por isso que o senhor negou?

O senhor sabe que negando o imóvel sol, não estaria somente negando a verdade do Universo e sim estaria negando o direito do povo de saber e mais, estaria abjurando a mim! O senhor me roubou o direito de ver abaixo os pilares desse mundo antigo.

O senhor melhor do que ninguém, sabe que esta roupa está velha, gasta e já não serve mais. Então agora vem e nega na minha cara o que negou pro mundo todo!

Se a importância da ciência não é abrir as portas do saber infinito e sim colocar limite na infinitude do erro... por que dizer que é mentira homem? Por que deixar que o povo continue imerso nesse lodo. Nós continuamos agradecendo mais a deus que ao padeiro pelo pão nosso de cada dia.

“Andréa a Terra se move porque é movida pelo Sol”. Galileu, a Terra se move porque é movida pelo Sol.

Mestre, olha pra mim, veja se me reconhece. Eu sou a fórmula exata de uma sociedade sem curvas, olha o que me tornei, eu sou um professor!! O que eu falo? O que eu ensino? O que eu troco?

O senhor vai olhar pra mim, mas não vai ver nada porque está cego. O senhor, por egoísmo, ou sabe-se lá que desculpa vai dar, ao abjurar assumiu publicamente a sua cegueira.

O senhor; por vontade própria se esqueceu daquele menino, que talvez por descuido, tenha colocado diante dele um mar de hipóteses, apresentou o prazer da dúvida. Aquele menino sou eu. O senhor me traiu!

E agora? Agora não se pode ver a luz, o tempo não faz tudo acontecer, o senhor deveria ter feito e não fez.

O senhor se traiu.



A ESCOLHA – Cena Palco – LUDOVICA

Ator Criador – Bete Dorgam

Boa noite.

Vieram ver o senhor Galileu?

Aquele que disse e depois desdisse? O pai daquela que um dia pensou ser a noiva de meu filho Ludovico? Meu filho Ludovico que trouxe uma luneta da Holanda, luneta essa que o Senhor Galileu vendeu como sua. Esperto o Senhor Galileu, esperto. Eu admiro pessoas espertas.

Galileu Galilei, o pai daquela que um dia, em um passado distante, longínquo teve a breve, momentânea e frágil idéia de ter sido em algum momento a noiva de meu filho, aquele se interessava em saber se a Terra gira ou não gira.

Ahh meus amigos, o que importa se a Terra gira ou não gira? A mim interessa saber se meus olivais darão um bom azeite.

E quanto aos pobres. A miséria é tão antiga quanto as montanhas e como as montanhas indestrutível. Aos pobres interessa saber se terão o pão nosso de cada dia em seus pratos.

Qual a sua profissão?

Estamos desenvolvendo um projeto de inclusão social e muito nos preocupa o Estatuto da Criança e do Adolescente. Essas criaturas estão em fase de adestramento e irão conduzi-los na sua busca. Se tiverem algum problema na condução, reportem-se a mim.

Pois bem, querem saber do Senhor Galileu? Vamos então. E o senhor, espere sentado. (começa a distribuir as pessoas pelos grupos).



Paloma Rocha, Botê Dorgam e Rafaela Penteadó em Fólias Galileu - 2013



Layla Ruiz em Folias Galileu - 2013

O SEGREDO DE ANDREA – Mezanino

Ator criador - Layla Ruiz

(Em pé, observando o público entrar e se acomodar; amarro a faixa no peito, visto a camiseta, o sapato e a boina, olho para o público).

- Que bom, que bom que vocês vieram. (aproxima-se do público e ajoelha, falando em tom de sussurro). Meu mestre, o senhor Galileu descobriu uma coisa incrível, fantástica, um segredo! E eu quero contar esse segredo para vocês. (observa os lados, para ter certeza que ninguém mais está ouvindo).

- A Terra gira ao redor do sol! (diz a frase em pé, em um tom mais alto e entusiasmado).

(observa a reação das pessoas)

- É verdade. Seu Galileu me ensinou a ver, que é muito mais do que arregalar os olhos (diz isso arregalando os olhos), é ver, enxergar. (vai até uma pessoa do público) Experimenta enxergar!

(pequena pausa, corta para outro assunto).

Óh, era assim... (pega o carrinho de madeira e senta nele para explicar)

- Durante muito tempo, dois mil anos, o homem acreditou que a Terra ficava lá, parada, paradinha, estática. Em volta ficavam oito camadas de cristal (faz os gestos rápidos), aqui ficava a lua e ali, não aqui, ficava o sol e em volta ficavam as estrelas e tudo isso girava, girava ao redor da Terra, que ficava lá, parada. (enquanto fala, gesticula ilustrando sua explicação).

- Até eu acreditava nisso, minha mãe acredita nisso, (para o público) o avô, do avô, do avô do seu avô acreditava nisso...os antigos...os antigos. (muda de estado, da euforia da explicação passa para um tom mais reflexivo).

(Quebra de estado, levanta e vai até um casaco que está pendurado na arara e pega uma maçã).

- Mas seu Galileu me mostrou. (já com a maçã nas mãos). Ele me disse que isso é a Terra (mostra a maçã), e isso (morde a maçã) sou eu! E a Terra gira com a gente em cima. (Gira o corpo e para)

- Óh, tá girando! Sente. Psiii, tá girando, sente. Óh. (fica estático, falando com o público).

(Vai até a arara de roupas e grita em direção ao café)

- Estamos livres, estamos soltos!

(Volta rindo, tira a boina e segura ela na mão e se aproximado público).

- Senhoras e senhores, bem vindos a bordo, estamos flutuando!

Bem, agora nós temos um segredo (faz o gesto de “um por todos, todos por um”), ajudem a espalha-lo, por favor, contem, contem sobre seu Galileu, sobre a Terra, sobre o movimento, oh...sente! (enquanto fala indica o caminho de saída para as pessoas).

- Obrigada senhor, obrigada senhora, obrigada senhorita... (cumprimenta as pessoas apertando a mão).

- Alguém gostaria de levar a Terra? (diz oferecendo a maçã).

ASSADO DE GALILEU – Café do Folias

Ator Criador – Nani de Oliveira

Boa noite.

Quando vocês convidam alguém para uma visita a suas casas, como é bom que seja feito para recebê-las? Claro, um bom jantar regado de um bom vinho não é?

Pois foi exatamente isso que eu disse ao Galileu quando ele convidou alguns homens importantes para dizer o que, segundo ele, seria a boa nova, a notícia que faria com que todas aquelas pessoas passassem a duvidar de coisas partindo de um novo olhar sobre o mundo...

Por falar em olhar... eu sei bem da onde ele tira estas ideias, é daquele tubo ali... ele coloca os olhos ali e dá hora, e dá dia e está ele ali... já disse pra ele que vai acabar ficando cego de tanto olhar... eu também olho ali para tentar ver o que será que tem de tão novo... olho em dias e horários diferente e não vejo nada demais... alguém que olhar?

Não me admira que ninguém queira, na versão do Galileu do Brecht ninguém olhou neste tubo até mais da metade da obra...

Mas o Galileu sim vê, e acredita no que vê e se anima... o pior é que meu menino, o Andréa também acredita em tudo o que o Galileu diz, tudo mesmo... eu fico pensando o que vai ser do meu menino? Vai fazer filosofia? Matemática? Me diz que futuro tem isso? O que meu menino vai esperar meu Deus? Ele vai esperar... esperar...

Não pensem que ele faz isso só com o filho dos outros não... fez com a dele também... Virgínia, menina linda, cheia de sonhos, noiva de moço bom. De família com posses, pois vocês acreditam que o Galileu se indispôs com o moço, que inclusive foi quem apresentou a ideia deste tubo pra ele, e tocou ele da porta de casa prá rua? A pobrezinha desmaiou de tanto desgosto, ficou caída no meio da sala toda desmilinguida... judiaçãozinha...

Galileu é assim, tihoso, teimoso, inventor de moda, agora veio com a conversa de ir falar a boa nova com a vossa santidade em Roma! Que Roma o que Galileu? Você não me disse que o povo tem fome de verdade? Porque não vai na orelha do povo e diz a verdade? Mas não, teimoso como é... então está bem Galileu, vai prá Roma, vai falar com a vossa santidade, mas presta atenção numa coisa séria que eu vou lhe dizer: cuida bem do meu menino... Cuida muito bem do meu menino!

Podem passear um pouquinho mais... a carne costuma demorar...



VIRGÍNIA E OS GANSOS – Ante-sala do escritório

Ator Criador – Katia Naiane

(Olha calmamente para o público)

Desculpem-me, não estamos mais acostumados a receber visitas. Desde que o meu pai abjurou, as pessoas simplesmente... Enfim, o meu pai abjurou. A Itália inteira sabe disso, não se fala em outra coisa. Ele reconheceu que errou, se arrependeu e foi recebido de braços abertos pela Igreja. Os seus discípulos foram embora... Todos.

Não aprovaram... Não. Eles queriam o que, exatamente? Que ele queimasse na fogueira? Que ele morresse ardendo no fogo, tostado, torrando, estalando, crepitando? Por quê? E pra quê? Se gostassem tanto assim do meu pai não teriam ido embora. Eu fiquei aqui cuidando dele. Todos os dias. É isso o que todas as boas filhas fazem. Não é? Não é isso? Não é isso o que uma boa cristã faz? É isso, não é? E ainda dizem que meu pai não está sendo bem tratado. Imagina... Aqui tem uma vista muito bonita... Dá pra um jardim muito bonito. É tudo tão tão bonito aqui, tudo. Esse vestido aqui, por exemplo, é mais bonito que o jardim. Fui eu que costurei esse vestido. Dona Sarti me ensinou, ela dizia pra mim que não se pode costurar o vestido no corpo da mulher porque traz mau agouro, ela dizia que se isso acontecer a gente precisa falar um versinho assim: Costuro na vida não costuro na morte, costuro sua vida não costuro sua sorte... Coisa de gente simples, né? Ela acreditava em cada coisa... A gente acredita em cada coisa.

Meu pai era assim, de acreditar em umas... Coisas. Antes. E agora é assim, de escrever cartas para a Igreja todos os dias, e eu ajudo com todas, sempre. Sem as crenças de antes, é melhor assim, se não for assim ele fica muito alterado, sabe? Não diz coisa com coisa, fica com umas ideias absurdas, não escuta ninguém e fala muito, fala demais, fala tanto que até põe as pessoas pra fora, as pessoas vão embora e simplesmente não voltam. Elas não voltam.

(Funga, sente o cheiro)

O ganso... O ganso deve estar pronto... O meu pai... (sorri)

O meu pai adora ganso com maçãs e cebola.

De vez em quando aparece um homem, ele entrega um ganso aqui na porta, ele diz que está de passagem e me entrega o ganso, eu sei temperar, cozinhar e assar o ganso, mas esse homem que entrega o ganso, eu... Eu não sei quem é... (ri e pára subitamente)

O meu pai adora gansos com maçãs e cebola. Mas se a maçã murecha. Ele não gosta.

O ganso está quase pronto e a maçã precisa estar boa, eu preciso cuidar disso, vocês entendem? E o meu pai, o meu pai, ele irá receber vocês em breve, eu acredito, vocês já podem ir agora. Vão e se o encontrarem por aí, por gentileza, não façam muitas perguntas. Ele se altera e isso definitivamente não é bom.



Katia Naiane em Folias Galileu - 2013



OFICINA DE FEDERZONI

Cabine de Luz e Som

Ator Criador – Bira Nogueira

Caralho! Vocês demoram pra caralho! Eu não tenho tempo de esperar

Mas já que vocês estão aqui, vou resumir a historia de um homem que resolveu mudar o jeito de ver o mundo! Esse homem é Galileu Galilei... VRAA!!!

E tudo começou aqui, com minhas lentes, e vou ensinar a vocês como é que se faz:

Primeiro coloca o oxido de alumínio pra polir as lentes - Tome cuidado pra não foder as mãos!

E lixa, lixa, lixa e gira

E lixa, lixa, lixa e gira

Lixa, lixa, lixa e gira

Merda, machuquei minhas mãos!

Mas os ensinamentos não terminaram ai.

Um dia ele me veio mostrar como a Terra gira em torno do sol e me perguntou: Federzone, você esta entendendo? E respondi: Sim, estou com fome e vou devorar essa maça! E percebi como é gostoso o universo.

Mas o assunto aqui e agora é a lente! E vou mostra pra que serve uma lente.

Agora que vocês sabem o que é uma lente, vou mostrar o que ver com ela:

ASESTRELAS! ASESTRELAS!

DESARRANJO DAS TEORIAS

Banheiro

Ator Criador – Flávio Tolezani

O que constava é que as estrelas estão presas a uma esfera de cristal para que não caíam. Agora pela minha teoria, deixamos que flutuem livremente, sem amarras, e elas estão em grande viagem, como as nossas caravelas, sem amarras e em grande viagem. E a Terra rola alegremente em volta do Sol.

Ele está certo! Galileu está certo!

Vinte anos pesquisando e nunca tive uma descoberta desse quilate. Porque ele? Desgraçado!

A terra e a Lua são iluminadas pelo Sol e é por isso que elas brilham. O que a Lua é para nós, nós somos para a Lua. Ela nos vê ora como crescente, ora como semicírculo, ora como Terra cheia e ora não nos vê.

Claro! É tudo muito claro. Ele está certo!

Tudo comprovado pela sombra das montanhas lunares...

Satélites de Júpiter...

Fases de Vênus...

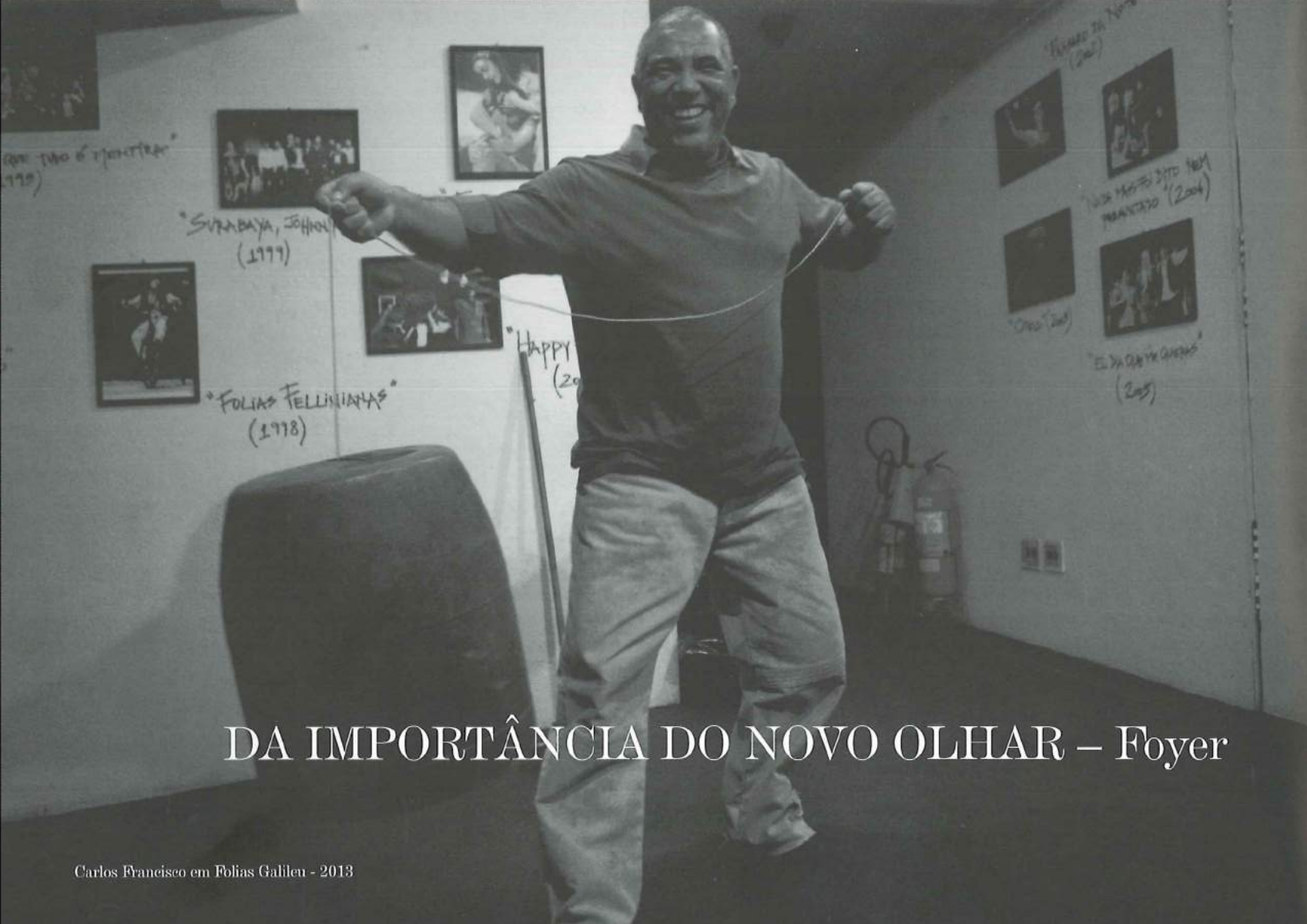
Ele está certo!

Galileu, vejo você num caminho terrível. É uma noite desgraçada a noite em que o homem vê a verdade. É de cegueira o momento em que ele acredita na razão da espécie humana. Os poderosos não podem deixar solto alguém que saiba a verdade, mesmo que seja sobre as estrelas mais distantes!

Você acha que o Papa vai ouvir a sua verdade, quando você disser que ele errou? Você acha que ele simplesmente abre o diário e escreve uma nota: 10 de janeiro de 1610—aboliu-se o céu? Você não entende? Não percebe onde está se metendo?

Ele está certo!

Agora não é mais a minha área. É com outro departamento. Agora é a vez dos teólogos. Eles que deem um jeito de recompor o céu.



DA IMPORTÂNCIA DO NOVO OLHAR – Foyer

Ator Criador – Carlos Francisco

O Galileu foi chamado pelo pessoal da inquisição para uma conversa. E eles quando chamam pra conversar nunca é pra servir um chazinho. Não têm nenhuma tolerância com opiniões contrárias. Se não chega num acordo eles tacam até fogo na pessoa. Nós avisamos ao Galileu: - Não vai conversar com este povo não! Fora daqui existem pessoas interessadas em sua pesquisa, em seus conhecimentos... Mas ele tem um bom coração e acredita que, como este novo Papa é ligado a ciência, será capaz de compreender suas ideias. A gente sabe que não. O clero deseja que todos vejam o mundo através de seus olhos. Do jeito que eles querem que o mundo seja visto... O Galileu pensa diferente. Ele acredita que cada um pode e deve ver o mundo de um jeito próprio.

Eu concordo com ele. Não entendo muito de ciência nem de astronomia. Mas uma coisa que o Galileu diz e que eu entendo é que qualquer pessoa, até um homem simples como eu é capaz de aprender coisas novas e modificar o seu meio e até o mundo... Então eu fique pensando: Como é isso de descobrir coisas novas nas coisas já conhecidas? Por exemplo: o que os senhores veem ali? Um balde de lixo e uma vassoura, certo. Na visão do clero nossa conversa acaba aqui. Mas na visão do Galileu podemos descobrir coisas novas nestes objetos.

E seu eu tirar o saco e virar o balde de boca para baixo ? agora o que os senhores veem aqui? Um banco? Sim pode ser um banco. Era uma lixeira e agora é um banco. É muito confortável. O fundo cede quando a gente senta e funciona como uma almofada. Confortável mesmo, parece ter sido feito pra isso. Claro, tem estas saliências e reentrâncias e até este furo no meio, que pode ser usado para refrigeração, no caso da pessoa ficar sentada muito tempo. Ou então (olha pelo furo que existe no centro do fundo do balde) pode parecer... olha pra você ver (pede alguém da plateia que olhe pelo furo) Não lembra o telescópio? É claro, o telescópio tem uma lente na frente e outra a traz, mas o princípio é o mesmo...

Eu me lembrei de um barbante que tenho no bolso e vou passa-lo por este furo. O Galileu diz o seguinte (passa o barbante de dentro para fora enquanto diz com a cabeça dentro do balde): - Num objeto podem existir muitos objetos, assim como num homem podem existir muitos homens... (retira a cabeça de dentro do balde e o segura pelo barbante. O balde tem a boca voltada para o chão e fica suspenso no ar) Assim o balde de lixo de boca para cima, de boca para baixo virou um banco, pelo furo no meio descobrimos o telescópio e agora ele ganha um barbante no meio e ganha movimento e eu vos pergunto: O que é isso?

Respostas.... o que importa mesmo é que agora a pouco era uma lixeira estava fixa no chão e agora ganha movimento e está aqui girando no espaço... Vou usar esta vassoura... Galileu diz: acredite em tudo que seus olhos veem e tudo que seus ouvidos ouvem... (prende o barbante ao cabo da vassoura) e também diz: Não acredite em tudo que seus olhos veem nem em tudo que seus ouvidos ouvem...(retira a base da vassoura e apoio o cabo no fundo do balde) assim aquele balde que era de lixo ganha este mastro e pode se tornar um barco - terra a vista – (brinca) ou então (puxa o cabo para traz tensionando o barbante e então dedilha o cordão) poder ser um contra-balde.

O Galileu ou algum outro cientista disse “o mundo é o que se vê do lugar de onde se está” quer dizer que ao mudar o olhar eu mudo o mundo junto... outra coisa que ele diz e que não me esqueço é :(diz enquanto remonta a vassoura) “fossemos infinitos e tudo mudaria. Somo finitos então muito permanece...” então vou manter tudo como estava. (vira o balde de boca pra cima e recoloca o saco de lixo recompondo a cena do início) e então o que os senhores veem aqui?

Está certo, é uma lixeira e uma vassoura, mas pode ser um monte de outras coisas também...

É o que entendo do que diz o Galileu e gostaria de dividir com vocês...

DONA SARTI FOI ESQUECIDA – Oficina

Ator Criador – Gisele Valeri

“Sul mare luccica l'astro d'argento placida è l'onda prospero il vento”.

Galileo é sempre stato molto attento a tutto, tutto, tutto e di tanto guardare il cielo, notte dopo notte, é riuscito a riconoscere una quantità incredibile di stelle, nei suoi giri costanti per l'immensità.

Galileo ha delle idee un pó... diverse (strambe).

Dice che io devo fare il mio lavoro senza toccare niente! Come é possibile? Io faccio la governante e il mio lavoro é mettere a posto tutto - incluso questo laboratorio - però lo devo pulire senza spostare niente, neanche una briciola e se tocco i libri sono guai!

Ecco, questi sassolini, sono qui tranquilli, non disturbano nessuno, ma Galileo li prende, li butta su, li tira giù, in continuazione, ma tante di quelle volte che sembra quasi un bambino - dice che vuole capire perché la pietra cade! Glielo dico io perché la pietra cade: cade perché vuole tornare al suo posto.

Lui ha sempre avuto la mania di voler sapere il perché e il per come di tutto, tutto, tutto... Galileo é un pó... diverso degli altri.

L'altro giorno mi ha fatto guardare questo aggeggio e mi ha chiesto cosa vedevo. Niente! Non vedo assolutamente niente! Dovete imparare a guardare, mi ha detto. Ma io ci vedo benissimo!! Però mi preoccupa é con Andrea - mio figlio - lui é ancora un bambino ma gli piace stare ore ed ore con Galileo in questo laboratorio - e ha cominciato a dirmi delle cose... strane, molto strane - tipo:

mamma! la terra gira intorno al sole!

mamma! mamma! Il signor Galileo ha comprato un libro nuovo!!

mamma, mamma: Il signor Galileo ha inventato uno strumento nuovo,

mamma, mamma: Bruno é brulé, Bruno é Brulé

mamma mamma: viene a vedere lui ha creato... ma io non voglio più vedere niente, niente!

Ma Galileo é una brava persona, lui va in chiesa - quasi tutte le domeniche, va lí, si siede e guarda - i lampadari - vuole sapere perché si muovono in quel modo lí. É veramente fissato con questa storia dei movimenti - ho paura che il mio Andrea va finire come lui. Andrea lo ammira tantissimo, ma Galileo vuole sapere solo dai suoi libri, dalle sue carte, dei suoi esperimenti. Io vorrei solo sapere come facciamo a pagare il latte. Ecco, tutto lí! Perché il latte va pagato - non ce lo danno mica gratis!

Spende tutti i soldi per comprare questi libri per poi dopo dire che non ci crede a quello che c'è scritto.... Che vuole vedere con i suoi propri occhi. Ma per piacere!

Io invece a Virginia ho insegnato tutto ciò che una donna deve sapere per sposarsi, le ho insegnato a cucire - ha fatto anchei il suo vestito da sposa - l'avete già visto? - che poi non si é neanche sposata poveraccia - Le dicevo sempre “cucio nella vita non cucio nella morte, cucio tuo vestito ma non cucio tua sorte” e le ho insegnato anche a far da mangiare - é sempre stata una ragazza molto vivace - correva in mezzo alle strade - gridava, ed era bella, bella, bella, bella, per poi dopo finire così! - é molto triste aver visto quel che ho visto per puoi vedere ciò che vedo.

Galileo doveva fare come me insegnare a Andrea qualche cosa che fosse utile, un mestiere, un' attività modesta ma onesta – ma no, lui ha sempre questa mania de dedicarsi a cose inutile, che non servono a niente.

Io non capisco

Tu, non capisci!

Lui (Egli) capisce!

Voi capite?

Noi non capiamo!

Loro (Essi) capiranno?

Va finire che un giorno o l' altro, il mio Andrea dirá che 2 piu 2 fa 5. Perché anche lui comincia ad avere le idee un pó... diverse (strambe)

Galileo si fa sempre le domande, l' altro giorno ha chiesto a me: segundo te cosa é piu probabile che il grande giri intorno al piccolo o il piccolo intorno al grande? Sapete cosa ho risposto: Sono io che porto da mangiare a lei o lei che porta da mangiare a me? Questa volta gli é piaciuta la mia risposta mi ha detto: Gente come te ha voglia di verita! No Galileo: io ho voglia di mangiare!

Io Mangio

Tu mangi?

Lui (Egli) mangia!

Noi mangiamo

Voi mangiate?

Loro(Essi) mangiano

Io sono una persona umile, non ho studiato ma mi va bene cosi,

Galileo no, lui é un pó... diverso degli altri.

Il suo papá, era musicista, lui si era bravissimo! - cantava sempre!! Cantava : “vá pensiero sull' ali dorate va pensiero sull'ali dorate. Vá pensiero sull'ali dorate va pensiero sull'ali dorate...”





Silmara Deon em Folias Galileu - 2013

O OLHO QUE TUDO VÊ

Espaço de circulação

Ator Criador – Silmara Deon

As verdades mais obscuras agora são tratadas sem espanto. Aquilo que eram três III'S: Intocável, Indiscutível, Indubitável é posto em questão. Os novos ventos levantaram as batinas colocando a mostra pernas gordas, pernas palito, pêlos e púbis como os nossos. Mostrou-se que os Céus estavam vazios, o que me causou um enorme mal estar. Em algum lugar foi dito que era preciso organizar a Terra de uma outra maneira. Pra quê? Por quê?

Não se esqueçam que diretamente ou indiretamente, alguém lhes paga para tocarem suas vidas, assim como eu, Procuradora da República, uma representante da cúria, do Estado, pago ao Sr Galilei para continuar com suas pesquisas lhe proporcionando um conforto de ser um Filósofo e Matemático Grã Ducal.

Alguma vez vocês devem ter pedido um aumento. Certa vez Sr Galilei me pediu um aumento e eu disse: porquê? Pra quê? Sua teorias ainda deverão ser aceitas por uma pessoa que necessariamente não precisa entender de física ou matemática!

Eu sei que assim como vocês, o Sr Galilei tem prestígio entre os da sua classe e até seguidores, mas de que adianta aplausos se são de sua família ou de admiradores convidados.

Eu preciso justificar seus pedidos Sr Galilei, uma remuneração requer um produto a altura. Fique com suas "coisinhas" referente ao Sol se lhe dá prazer Sr Galileu, mas nos dê algo de relevância, algo que podemos fazer em série, logo que venda Sr Galilei.

Um dia em sua residência eu disse; mostre-me, mostre-me seu experimento com lentes...isso é muito bom, isso é ótimo. Podemos convencer nossos irmãos de fé que não serve apenas para olharmos entre frestas e cortinas, mas que podemos nos prevenir contra um inimigo. Isso atrai pagadores. Isso justifica os seus pedidos Sr Galilei.

Eu só não gosto do nome Telescópio, não é bom, não tem embocadura, acho que devemos mudar o nome para o "Olho Que Tudo Vê" tem mais impacto! Sabe, as vezes eu me pergunto o que é melhor, quantidade ou qualidade? Fazer o que se quer ou ter a barriga cheia? Em um dos meus encontros com o Sr. Galilei eu disse: “_ Meu querido, todo mundo sonha em ser rico ou se sentir rico, aquela pessoa que não consegue se sentir rica pelo menos um segundo nessa vida está morta! Por isso, eu vou lhe dar um conselho, se quiser ter sucesso na vida não faça o que gosta, faça aquilo que as pessoas esperam que o senhor faça”.

Vocês acham mesmo que não estão sendo vistos?

Vão! Trabalhem, produzam, criem, comprem! E se encontrarem o Sr Galilei por aí digam a mesma coisa a ele, porque isso é que move a Terra!

Nunca se esqueçam de quem lhes dá o leite! Meus queridos...

(Pega o celular e atende)

Você mostrou os aparelhos de tortura pra ele? Ele abjurou? Que ótimo! Vamos comemorar...



Suzana Aragão e o pessoal do Bar Juvial em Fólias Galileu - 2013

A ASCENSÃO SOCIAL DE VIRGÍNIA

Bilheteria e rua

Ator Criador – Suzana Aragão

(Virgínia entra na igreja, faz sinal da cruz, espera a mesma atitude da plateia)

- Alguma alma boa? (Antes do soar do sino e do padre Cristóforo chegar) - O padre Cristóforo precisa falar comigo com certa urgência. É que acabei de chegar de Roma e trago novidades.

(Aguarda o sino que anuncia a chegada do padre)

- Padre Cristóforo, eu estive com o Cardeal Inquisidor e ele quis falar comigo, o senhor acredita? Pausa. Roma? É linda, toda feita de ouro, tudo cheira a nobreza, parece que a gente tá coladinho em Deus. Cada comida, eu nem sabia o nome, mas comi o que apareceu. (Padre interrompe). A conversa com o Inquisidor? Foi péssima. Ele disse que se meu pai não desistir dessa teoria de que a Terra está como uma doida pelo espaço que ele corre sério risco de morte. Pausa. O que? Preocupada? Eu estou apavorada, desesperada e furiosa! Padre quase interrompe. Eu sei que a fúria é o mal da humanidade. O senhor já me ensinou isso. Mas aconteceu que eu estou às vésperas do meu casamento e não pode nada dar errado agora. Perdão, padre, eu sei que estou muito histérica, perdão. (Padre interrompe). 75? Ave-maria cheia de graça, o senhor é convosco... (Suspende a oração e ordena que a condutora da excursão do espetáculo, reze no seu lugar).

(Para o público)

- Eu fui a uma astróloga maravilhosa, ela disse que o Ludovico, meu noivo, é de leão. Eu adoro as pessoas de leão porque elas têm um tino para o progresso, pra prosperidade. É diferente do meu pai que tem esse hábito de se dedicar as coisas inúteis que ninguém paga direito, mania de papai. Parece que ele não percebe este momento que estamos vivendo, onde tudo está dando certo. Nós estivemos em Roma, lá todo mundo sabe quem é o Galileu e sabem que eu sou a filha do Galileu. Eu passava nas ruas e as pessoas diziam olhem lá vai a filha do Galileu. Eu fui à uma cabelereira e ela disse pode passar na frente, eu sei que você é a filha do Galileu. É bom ser reconhecida, não é? Pular uma filhinha há ou outra. Vocês estão duvidando? Eu vou provar que em Roma e toda a Europa.

(A cena explode pra rua – sai da igreja e intervêm no espaço).

(grita) – Todo mundo sabe que eu sou a filha do Galileu. (Busca reconhecimento e interação com os passantes ou habitantes do espaço não-ficcional – a realidade), (Volta à igreja)

- O sucesso me deixa em êxtase. A mãe do Ludovico me disse que se meu pai insistir nessa história de que a Terra gira que ela tem dinheiro suficiente pra mandar estacionar. Eu não vejo a hora de casar com o Ludovico e deixar meu pai... Eu gosto do meu pai, mas é que ele cansa pessoas como o Galileu cansam a gente. (Volta para o confessionário, dispensa a condutora da excursão) Padre, estou bem mais calma. (Padre interrompe). Eu vou contar tudo. Ontem à noite, meu pai subiu ao sótão e eu ouvi uma conversa dele com o Andréa. Ele disse que teve muito medo do Inquisidor, que vai até ficar quieto. Mas ele não vai desistir. Meu pai não desiste nunca. Eu sei que posso contar com o senhor, padre. O senhor sim é como um pai pra mim. Obrigada. (Faz o sinal da cruz, volta-se para a plateia) Hoje à noite, antes de dormir, rezem um pai-nosso e uma ave-maria para o meu pai desistir dessa teoria maldita. Prometem! Nada vai destruir os meus sonhos.

(Sai cantarolando a marcha nupcial – catatônica)

O PEQUENO MONGE – Vestíbulo do Camarim

Ator Criador – Thiago Bugallo

Monge em dúvida!

Ave Maria / Gratia plena / Dominus tecum / Benedicta tu / In mulieribus / Et benedictus / Fructus Ventris tui, Jesu / Sancta Maria, Mater Dei, / ra pro nobis peccatoribus / Nunc et in hora mortis nostrae / Amen

Eu só consigo pensar na minha mãe, há algumas noites que eu não durmo, pensando nisso, na minha mãe, na minha família, por conta disso consegui perceber a sabedoria do decreto. O decreto me fez ver que a pesquisa desenfreada é perigosa para humanidade.

Eu sou matemático além de padre, e eu vi os satélites de Jupiter e as fases de Venus, eles existem! Mesmo assim decidi renunciar a astronomia, por causa da minha mãe, sou filho de gente muito simples, sabem tudo sobre oliveiras, mas pouco além disso, não levam uma vida boa, mas até a desgraça tem uma certa ordem, imagine que até pra comer é preciso ter força, e de onde se tira essa força, se não do sentimento da constância e da necessidade da vida ser cíclica, de que este caminho é o único possível: olhar os campos, as arvores, a igreja pequena, ouvir a Missa, assim que eles se sentem seguros, assim que foram ensinados, eu me pergunto: que mal há nisso?

32 Que diria minha gente se ouvisse de mim que moram num pedaço pequeno de rocha que gira ininterruptamente no espaço vazio, um pedaço entre muitos sem maior expressão? Pensariam pra que tanta paciência e resignação diante da miséria? qual o cabimento da sagrada escritura que explicou tudo e que disse que tudo é necessário, o suor, a paciência, a fome, a submissão, se ela agora está toda errada? Então não existe um olho posto em nós? Nós não somos mais o centro do universo? Não existe um olho lá de cima posto em nós?

Não, o olho não está posto em nós!

Vocês viram o que aconteceu?

Nada! Porque não existe um olho posto em nós!

Pelo menos não parado, se nós estamos em movimento este olho também está em movimento, isso que os meus precisam fazer, se por em movimento, aprender a pensar por si próprios.

Eles precisam saber a verdade.

A verdade é que fome não é prova de fortaleza, é apenas não ter comido!

Esforço é vergar as costas e arrastar, não é mérito!

Nenhum papel nos foi destinado, afora este papel terreno e lamentável, numa estrela minúscula, inteiramente dependente, que não tem nada girando a sua volta.

Eu vejo a paciência divina de sua gente, mas e a fúria divina, onde ficou?

A teoria do movimento está aí, mas não leiam.

Vamos se ponham em movimento, mas não leiam.





Helder Mariani em Fólias Galileu - 2013

Ator Criador – Helder Mariane

(recebendo a plateia)

Sejam todos bem-vindos! Que todos se sintam acolhidos como aqueles que chegam na casa da Mãe. Aqui estamos— como se estivéssemos na casa... no colo... da nossa Mãe do Céu.

Sei que deveria dar meu parecer sobre a presença de Galileu Galilei no seio da Santa Madre Igreja! Ele que consagrou sua vida para o desenvolvimento da ciência, tendo como base a matemática.

Confesso que preciso de mais esclarecimentos para elaborar esta minha fala...

Mas já que estamos todos “aqui”, podemos nos aproximar mais daquilo que posso falar bem. Podemos conhecer o que se guarda “aqui”; sim, os paramentos sagrados, que os nossos Diáconos, Padres, Cônegos, Monsenhores, Bispos, Arcebispos, Cardeais, e o Papa, vestem para - em nome de todos nós - prestarem culto a Deus. E também alguns objetos litúrgicos; poucos, pois há uma infinidade deles.

Antes de mais nada, é importante o cuidado que devemos ter com cada um. Por exemplo: deve haver na Sacristia, um armário para se guardar as vestes sagradas, sempre no mesmo lugar. Importante que esse armário receba a devida ventilação, principalmente no calor. Algumas horas com o armário aberto será suficiente para que o suor seja evaporado, como também seu respectivo odor. Não é ademais acrescentar que seria desejável o uso de desinfetante.

Para a Grande Missa: O TURÍBULO! É um braceiro sustentado por meio de correntes, em que se põe carvões acesos, sobre os quais se derrama o incenso. Para o preparo das brasas, eu sugiro que se tome alguns cuidados: - que o lugar seja arejado para não inalar gás tóxico do carvão; - nunca colocar álcool com fogareiro quente; - nunca acender contra o vento.

Ah! ALUNETA!

Objeto em forma de meia-lua onde se fixa a Santa Hóstia (grande), dentro do hostensório (Custódia); para que todos possam olhar para o alto, para o Ostensório exposto, e adorar Cristo na Santa Hóstia consagrada pelo padre.

E tem o Báculo, a Patena, o Cálice, o Sanguíneo e... A CAPA PLUVIAL. É um manto grande, que chega até os pés. É usada nas bênçãos solenes, procissões, etc.

Tudo tão claro, ordenado e seguro.

Mas quando penso na minha fala... Se ele pudesse afirmar que suas teorias só têm a ver com a Matemática, que não se trata de questionar a Fé. Por que se não o que eu faço com as centenas de fiéis que acorrem a Igreja todos os dias, em busca de consolo para suas vidas já tão cheias de penas?... A Capa Pluvial é usada também nas festas dos Padroeiros.

Como me esquecer da MITRA. Chapéu usado pelos bispos de todos os tipos e pelo Papa. É o ornamento de honra e sinal de poder, capacete de defesa e de salvação, com que enfrentam os adversários da verdade. (Padre começa a se vestir com os paramentos sagrados) Ah! Nossa Bem-Aventurada Virgem Maria, nossa Mãe querida, meu coração é seu!

(Cantando) Ave Maria... Graçia plena...

AS FOGUEIRAS

Quarto de guardar cenário

Ator Criador – Dagoberto Feliz

Cadê ele? (acende a vela do fundo) Cadê ele? Será que esse idiota desse Clávio não consegue liquidar com um ninharia dessas? Diz que entende de astronomia... imagina...

E esse tal de Galileu? Transferir o homem do centro do Universo para um outro lugar qualquer.. inimigo... inimigo dos homens.. é isso que ele é. O homem é a coroa da criação, qualquer idiota sabe disso. É a criatura mais querida e sublime de Deus. Deus é misericordioso. Ele não ia jogar os seus filhos numa estrela secundária. Ainda mais uma estrela secundária que gira.. gira.. gira.. E o seu filho? Deus ia colocar o seu filho num lugar como esse?

Eu, você, você, vocês não podemos tolerar uma coisa dessas. (pega o processo mandado por Clávio com o instrumento de tortura)

Cadê o processo? Me dá o processo? (guarda o processo e marca com giz na porta)

Posso não enxergar muito bem mas sei que ele se parece com os outros loucos. (queima uma folha do processo) E nós já queimamos outros loucos. Queimamos porque era o que tinha que ser feito. Querem humilhar a Terra. Moram nela e esquecem que ela lhe deu tudo. Emporcalham a própria casa. A sua casa. A minha casa. Eu não posso tolerar isso. (queima uma outra folha do processo)

Sou um combatente. Eles põem em perigo a terra das minhas ideias, dos meus afetos, dos meus interesses espirituais e materiais. Defendo minhas convicções, mas as minhas armas são a fé e a prece. Sei que a violência não resolve os problemas, mas apenas os adia. As fogueiras são um mal necessário. Uma festa um pouco macabra, mas basta que um cientistazinho fique um pouco mais famoso para que suas ideias já sejam aceitas. Que arda no fogo!

A Igreja criou o mundo! (vai acendendo todas as velas) Imaginou um céu com astros ordenados que giram ao redor da nossa terra... a nossa terra... nós estamos no centro do Universo. (acende mais velas)

Ela está em repouso, percebem! Ela está em repouso, percebem!

O olho do Criador está posto em mim. Deus me vê... Deus vê vocês...

Os homens precisam se sentir mais seguros no seu planeta...

LUDIVICA: (texto dois) Essa atitude é desagradável, retrograda. Encerre essa criatura. Você acha que quando queimamos um homem, queimamos também suas idéias? Eu tenho um enorme respeito pelos ser humano. Quando um empregado vem fazer uma pergunta ou questionar algo, você acha que eu o colocaria em uma fogueira? Não, quando isso acontece mando trazer um de meus cães e surro, surro, surro e todas as dúvidas desaparecem. Porque para os coraçõesinhos humildes a dúvida gera somente dor. E nós, que carregamos o terrível fardo da riqueza, cabe a nós mantermos tudo em seu devido lugar. Por falar em lugar, adquiri aqui na cidade um edifício enorme e de lá de cima posso ver as balas zunindo aqui embaixo. Zum, zum, zum. É um fenômeno estético fantástico. Eu adoro cultura popular.

LUDIVICA- O que?? Depois de dez anos ele resolveu pensar no seu caso? Esses cientistas inúteis, inúteis! Se eu decidir, mando a Terra estacionar. Nós fazemos tido girar, nós damos o pão nosso de cada dia e não esses cientistas inúteis!!!



Dagoberto Feliz em Fólias Galilen - 2013



Depoimentos

Nani de Oliveira

Galpão... Falias ...Galileu...a cada 5 minutos um recomeço, vários olhares sobre um ponto de vista diferente...algum esclarecimento? Nenhum! Dúvidas? Todas! Cadê o cara? Desculpe, não está! Será?

Trânsito intenso de gente, desvendando todos os nichos, estes não foram o suficiente... Falias Galileu transbordou para fora do teatro, trouxe o público cativo do bar vizinho Juvial, o cara do estacionamento, a mulher do pão de queijo da esquina, os moradores do prédio da frente, contamos juntos esta história, Galileu trouxe até um possível Andréa, filho da D. Sarti para discutir comigo sobre a luneta em uma noite muito especial... Olha só, meu menino esteve lá e me olhou nos olhos...

Gente brotando de todos os cantos do Galpão... terra -maçãs...carnes bem vermelhas... Por falar nisso, vou preparar um assado para o Galileu e seus convidados... mas podem continuar circulando, deve demorar um pouco.

Carlos Francisco

O processo de Folias Galileu foi orientado pela direção no sentido da apropriação do espaço da cena (não necessariamente o do palco) para o depoimento dos criadores na atualização, enquanto metáfora, do texto Galileu Galilei de Brecht ao Brasil do século XXI.

Em nossa participação, escolhemos o saguão do Galpão (ou espaços semelhantes quando em outros teatros) para desenvolver nossa reflexão. Os adereços utilizados (um galão plástico de 30 litros forrado em seu interior por um saco de lixo; uma vassoura de cerdas plásticas), em conjunto com o figurino (quase cotidiano em sua descrição máxima) e finalmente a nossa pele, compuseram uma invisibilidade cênica fundamental ao desenvolvimento da cena.

Acredite apenas no que seus olhos vêem e seus ouvidos ouvem!

Também não acredite no que seus olhos vêem e seus ouvidos ouvem!

Saiba também que não erer algo significa algo erer!
Brecht

A abordagem quase naturalista (mas apoiada num texto elaborado entre a história de Galileu e o pensamento brechtiano, que descortinava um raciocínio em que sobre algo conhecido pode-se descobrir algo desconhecido e novo) surpreendia o espectador: O galão, a vassoura, o negro, antes invisíveis subitamente tornavam-se a cena. Estiveram sempre lá mas percebidos como um ruído ao espetáculo. O ponto de vista que excluía dava lugar a outro que integrava e a experiência de conscientização da transição entre estes dois pontos de vista pelo espectador é que constituía a grande metáfora da cena.

Helder Mariani

...na sua formação como ator eridor, não basta a aquisição do conhecimento técnico, sem ter realizado a sua "individuação artística", meio pelo qual poderá abrir um canal de comunicação com o "inconsciente coletivo" que traz consigo.
(Reinaldo Maia em O Ator Criador)

Antes de mais nada, me proponho um rápido retrospecto pessoal. Um dos pontos principais que sempre considerei na trajetória do Grupo Folias, foi o foco na figura do ator – que como o Grupo, também considero o ator como o protagonista do fenômeno teatral.

De fato, nos espetáculos que assisti do Grupo, sempre via com clareza a busca teatral pelo ator que atuasse criticamente desde o processo criativo teatral até o resultado da apresentação; já que processo e resultado não se distinguem, mas são etapas dessa busca da "essência" do ofício do representar - como já escrevia Reinaldo Maia no seu "pequeno" livro O Ator Criador.

Em cada montagem que vi, lá estava o exercício do "ator-criador"; para meu olhar de plateia, em especial cito: Surabaya Jhonny, Babilônia, Otelo, Nada mais foi dito nem perguntado, El dia que me quieras e Orestéia – em cada um desses espetáculos, via que na cena estava o que os atores propuseram na criação. Era isso o que mais me estimulava para ir ver os trabalhos do Grupo. Como plateia, presenciei a atuação individual dos atores do Grupo Folias, com um caráter de depoimento, mas que buscavam no Coro a possibilidade efetiva de um coletivo artístico – sempre o Coro devia contar a história! No Coro, a possibilidade de todos expressarem sua crítica pessoal/política/artística; diria hoje que sempre vi no Folias, espécimes de "atores-cidadãos", que é talvez como diriam os Iluministas franceses, que tanto criticavam a afetada representação dos atores de seu tempo.

Voltando ao “pequeno” livro de Reinaldo Maia; a sua leitura muito me inspirou na reflexão e elaboração de meu mestrado em Filosofia, que teve como tema o ofício do ator no pensamento de Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778), e como título: A Mentira-verdade do Ator

Foi assistindo o Foliás e outros grupos teatrais – vale citar o Tapa, Vertigem, Cia. São Jorge e XIX – que percebi claramente que aquela minha pesquisa filosófica sobre o ator francês no século XVIII dialogava com as discussões estéticas contemporâneas de grupos teatrais da cidade de São Paulo.

No FOLIAS GALILEU, desde o início, a proposta da Encenação foi que cada ator - a partir de sua releitura pessoal do texto A Vida de Galileu Galileu, de Brecht - criasse sua própria cena de cinco minutos (eu, “cabeçudo”, ingenuamente pensei: “impossível condensar tudo em cinco minutos”).

Os atores passaram pela criação de um novo texto dramático – uma nova cena (de cinco minutos...) - num espaço de apresentação escolhido pelo próprio ator em qualquer dependência do Galpão do Foliás. E mais! Adereços cenográficos, figurinos, música, etc... Tudo nas mãos dos atores – mas digo bem assistidos, e com competência, pelos colegas da Equipe de Criação! Na realização da proposta desse trabalho artístico, tive a possibilidade de colocar na prática o que refleti no mestrado. O exercício de “ator-criador” que a encenação de Dagoberto Feliz nos propôs, trouxe a possibilidade de exercitarmos a nossa individualização artística - aquela que o Maia contava como necessária na “iniciação”/formação de um “ator-criador”, ou também dizendo, do “ator-cidadão”?!

Cada cena (aquela condensada sim em cinco minutos) era repetida em média oito vezes por apresentação; cada vez com uma nova, pequena e diferente plateia – e era com cada uma delas que acontecia uma das coisas mais importantes nesse nosso trabalho: - a proximidade/cumplicidade entre atores e plateia, tornava cada

cena uma nova possibilidade de um encontro humano efetivo, já que como estamos no teatro, os humanos presentes estão em “carne e osso”, ao vivo e a cores.

Cada cena reapresentada era mesmo como um novo evento teatral; portanto, único! Um encontro único, singular, entre aquelas pequenas plateias e os “personagens”/atores, nos espaços mais inusitados do Galpão.

E cada nova cena era como que o fruto do encontro anterior, entre ator e plateia – quando ocorria uma comunicação direta e “verdadeira”, “olho-no-olho”; com a potência que só um encontro teatral como esse simples e direto pode ter, para causar, quem sabe, alguma transformação em quem vai da plateia, e em quem continua na cena – o ator repetindo (“?”), isto é, renovando sua atuação a partir de cada novo encontro - o ator responsável por tudo que na cena acontece para propiciar esse encontro, essa comunicação e essas (talvez) sutis mudanças que apareciam nesse jogo cênico no mínimo, peculiar.

O que dizer das sensações, impressões e, principalmente, aprendizados desse jogo cênico?

Me valho aqui do pensador e meu “companheiro” de mestrado, Jean-Jacques Rousseau – dramaturgo, músico, poeta, romancista, enfim, um philosophe, que era aquele pensador crítico que interferia diretamente nas coisas da cidade de Paris; em todas elas, desde as coisas da política até as artísticas; como por exemplo, o teatro... Rousseau encontrava na sua visão teatral, a metáfora do seu tema preferido de pensamento e discussão – o dilaceramento humano, isto é, o conflito entre o ser e o parecer. Rousseau, com seus escritos, me fez perguntar:

- como o ator pode estar de “verdade” na cena, ser sem os artificialismos da chamada “representação”, ou porque não dizer, do chamado parecer?!

Em cada apresentação do FOLIAS GALILEU, pude sentir de perto o que significa responder na prática à essas questões

sobre o ator e seu ofício. Digo ainda... foi e é, um privilégio artístico; mais, privilégio humano. E mais ainda, sendo divertido, como todo jogo que nos envolve e nos tira de nós mesmos, dando lugar ao que podemos chamar aqui de “espontaneidade”, que me parece um dos melhores estados para expressar as coisas do ser.

Como a questão mais discutida no espetáculo foi a “dúvida”, me vejo acabando de escrever a afirmativa acima, e me pondo imediatamente a duvidar de que realmente isso tudo é possível? Um encontro efetivo e eficaz entre atores e espectadores? O ator ser na cena? Será?...

Vi e vivi na prática o treinamento do “ator-criador” no FOLIAS GALILEU.

Cada nova cena, um momento de suspensão, de dúvida de se lançar no jogo do teatro, sem saber se alguma coisa de fato vai acontecer, vai ser. Sempre em cada apresentação me vi correndo riscos para não entrar num outro jogo – aquele onde só há aparências; onde só representamos, melhor, fingimos todos: atores e espectadores.

Mas querem saber?

Nas próprias cenas se pode confirmar: Existem momentos onde temos sim a efetivação de encontros humanos; momentos lúdicos e mágicos; portanto, momentos do teatro, que trazem consigo o inconsciente coletivo, tão buscado nos escritos do Ator criador do Reinaldo Maia e que pode potencializar transformações nos atores e nos espectadores.

Kátia Naiane

Num processo de criação geralmente improvisamos em cima de um tema, personagem, trajetória, enfim, uma série de portas a se abrir diante de nós. E quanto mais disponíveis estamos mais portas e mais possibilidades. Tempo, transição e dúvida

foram palavras que apareceram bastante ao longo dos ensaios. E eu pensava: “Mas não temos tempo... estamos em transição e só a dúvida nos acompanha... e agora?” Fui em frente. Fomos em frente com a missão de “mirar adiante” de obter um novo olhar ou melhor de rever, de “reolhar” para a nossa criação, para o grupo, para o Galileu. Por que? Pra que? Essas perguntas permeiam as cenas durante o espetáculo e ainda nos anseiam a buscar.

Saímos do palco para ganhar espaços, para nos escutarmos de outra maneira, cada um com uma história pra contar, com o seu depoimento, com a sua criação. As cenas não cabiam no mesmo lugar, precisavam de espaço próprio, de um olhar próprio e de atores que se apropriassem disso. Passamos a ter um tempo: cinco minutos. Esse era o tempo que tínhamos de contar nossa história. Um sino que bate ao início e ao fim para nos deixar alerta. Dentro desse cinco minutos não nos vemos, mas nos ouvimos estamos todos conectados. As cenas passam a acontecer ao lado, em cima, embaixo, dentro, fora, longe e perto. E elas só funcionam, a história só se realiza se estivermos juntos. Então passamos a nos colocar em movimento e precisávamos fazer o espetáculo “girar”.

Como conduzir o público a esse novo olhar? Conduzir: esse foi o mote... a transição, o trânsito, o movimento. Primeiro foi por partes. Éramos conduzidos e conduzíamos para a história, para o movimento dos nossos parceiros, para o tempo de cada um. Depois a engrenagem passou a funcionar com todos... nós e a platéia. Metade de nós nos espaços, fixados nas nossas esferas e a outra metade transitando e conduzindo o público a esse nosso “reolhar”. Com sequências distintas, trajetórias próprias, com todos a se observar e se colocando em movimento contínuo.

A cada cinco minutos a platéia vem e vai. E nós estamos sempre a contar a mesma história 12 vezes por noite. A mesma história? O mesmo pensamento? Não, não dá pra ser “a mesma história” porque aí não estaríamos exercendo um novo olhar, certo?

Todas as noites quando recebemos o público quando nos ouvimos, nos observamos temos de nos colocar em movimento e ele não pode ser igual, porque estamos em curso assim como um rio.

Como fazer isso? Como continuar a rever/olhar? Essa dúvida deixamos para o público para que levem consigo, assim como nós a levamos todos os dias.

Thiago Bugallo

12

Lembro-me quando recebi a ligação de Dagoberto Feliz para participar deste processo artístico, falou-me sobre as pessoas envolvidas, sobre o texto no qual nos embasaríamos para criação do espetáculo... Confesso que minha alegria foi enorme e por inúmeras razões. A principal delas foi o convite propriamente dito. Por um problema sério de saúde tinha deixado os palcos de lado, fiquei meses sem poder andar e muito menos ensaiar. Durante todo esse período me questioneei muito sobre outras maneiras de fazer arte e neste momento que estava voltando a caminhar tive a oportunidade de me apoiar em pessoas tão queridas envolvidas nesse processo.

Foi um tempo que continuei a pesquisar e a pensar sobre as perspectivas do olhar. Identifico-me muito artisticamente com o Grupo Folias. “Folias Galileu” representa a entrega para uma loucura cênica nunca antes experimentada por nós. “Folias Galileu” é a pesquisa de uma consciência do ator que pensa em todos os detalhes de sua cena, do cenário ao texto. Experimentei, brinquei, revelei, comunguei, compartilhei, ouvi, vi, senti, mas principalmente, me diverti.



Bete Dorgam

Participar da criação e apresentação do espetáculo "Folias Galileu" foi, sem dúvida, uma das experiências mais ricas e instigantes em minha carreira.

Dagoberto Feliz convidou atores que em algum momento haviam participado da história do Galpão do Folias para realizarem uma pesquisa relacionada ao tema Galileu Galilei e que também contemplasse suas inquietações éticas e artísticas.

Utilizar os espaços do Galpão como a cenografia que definia ou complementava as cenas, interagir diretamente com o público, afinar a escuta coletiva, participando de uma orquestração sutil, complexa e lúdica foi extremamente desafiador e estimulante para meu trabalho como atriz.

A cada noite, recebíamos um público completamente diferente, escutávamos uma melodia nova, composta pelas vozes dos outros atores/personagens, das pessoas circulando pelo espaço, pela rua. A recepção transformava-se em ação, propondo um jogo ator/platéia que diluía os espaços convencionais e criava uma nova relação de significação. Como os grupos participavam das "cenas" a partir de caminhos diferentes, essa recepção se transformava, estabelecendo e los dramaturgícos distintos a cada "estação" visitada, o que proporcionava a nós, atores também uma nova relação com cada grupo que recebíamos.

A questão que mais estimulou minha pesquisa como artista e atriz/criadora foi o estabelecimento da dúvida, a partir de diversas versões do mesmo fato, visto sob ângulos diferentes e diferentes julgamentos. Criar coletivamente essa possibilidade de questionamento para um público heterogêneo e muitas vezes surpreendido por uma proposta caleidoscópica foi especialmente desafiador. Cada ator contribuiu com sua experiência e sua

inquietação, o que proporcionou um coletivo que conseguiu equalizar as diferenças, transformando-as em possibilidades complementares ou mesmo antagônicas, expandindo as camadas de leitura do trabalho.

(Ludovica, a louca do chá)

Rodrigo Scarpelli

Teatro é a máxima expressão de uma existência.

Tiche Viana.

No "Folias Galileu" partimos do ator.

O que eu quero dizer?

De que forma?

Não sem antes haver um estudo, um longo estudo e discussões, discussões, discussões sobre o Galileu de Brecht.

Algumas premissas... olhar verdadeiramente, ter uma relação "de verdade" com quem assiste.

Isso me afeta. Deve me afetar.

Não adianta "preparar" a forma do discurso, estudá-lo sim, prepará-lo, formatá-lo...nunca.

Não é possível. Neste formato pelo menos, não é.

Quantas e quantas vezes a trajetória do texto foi "mudada" por estar em relação, por "pedir" uma nova estratégia, uma outra estratégia.

Uma outra estratégia...no teatro, no Folias.

Abriendo as "cortinas" damos início a história, conduzo e me integro ao grupo que acompanho no itinerante caminho. Ajudando a administrar o tempo que ao mesmo tempo é preciso e outros com uma certa flexibilidade, isso sempre em relação ao percurso e necessidade do público

Na condução sempre foi matéria prima o imprevisto, juntar pessoas iguais, diferentes, sérias, brincalhonas, e outros tantos estados que podemos adjetivar, exige muito jogo de cintura, muita escuta, cumplicidade, durante 1:40 horas vamos nesse jogo, deixando ser atingido, atingindo, cúmplices, rivais, enfim, tratos estabelecidos durante o espetáculo.

Ver as reações do público é sempre um espaço de jogo, reações diversas construindo reações distintas, risadas nervosas, repúdio, pé atrás, todas essas manifestações construindo uma colcha de retalhos proposto pelo espetáculo.

Olhar, ver tantas vezes as cenas foi um grande aprendizado, ver as transformações, forma de fazer, descobertas e trocas enriquecem qualquer ator. Poder substituir Nani de Oliveira além de todo respeito, foi uma escola, poder fazer do meu jeito, poder brincar com a forma dela, pensarmos juntas, construirmos juntas foi um processo de muita generosidade.

Repetir 12 vezes a cena é um exercício de aprofundamento, se ver na primeira vez e depois na décima segunda faz você ter plena consciência do foco da cena, da idéia dela, pois são doze grupos diferentes, o jogo se inicia a cada vez.

A sorte me deu o privilégio de experimentar um universo matriarcal tão belo de força de trabalho e sabedoria. Várias oportunidades e jeitos de olhar em "Folias, Galileu".

Relações diversas que geram reações distintas....

Flavio Tolezani

O espaço que me cabe em Folias Galileu:
um desarranjo em movimento.

Um banheiro. Um homem encarcerado, isolado na cabine apertada absolutamente sem controle sobre seu organismo.

Em meio aos espasmos, golfadas de palavras sinceras que só poderiam ser ditas à luz da solidão.

Seguindo a proposta da direção de realizarmos cenas individuais dentro do espetáculo, resolvi radicalizar, não sei ainda se por temor ou coragem, me confinando em uma cabine.

Num primeiro momento eu não podia ver o público e nem ser visto, o que me fez trabalhar com outros recursos que não os usuais, ou pelo menos a imagem estava anulada.

Num segundo momento eu saía da cabine e nos revelávamos. Eu para o público e eles para mim. A partir daí a cena era diretamente para aqueles espectadores.

Exercício pleno do ator em contato extremamente direto e próximo do público. Pleno na repetição diária de até 12 vezes. Pleno na construção do espetáculo e da sua cena. O ator encarregado de fazer parte de todas as etapas.

Tive que arriscar tudo. Escolha do personagem, texto, ação, espaço, figurino e tudo que cerea o processo criativo.

Nas apresentações cuidar a cada cinco minutos da cenografia e estar sujeito às reações ou não do público. Exercício extremo de recriar.

O ator como artesão.



Marcela Vicentini, Rafacla Penteado, Laruama Alves, Paloma Rocha, Tarella Tinhã, Heloisa Cardoso e Clarissa Moser em *Folias Galileu* - 2013

Clarissa Moser

Folias Galileu: Diário de uma condução.

46 Vamos esperar um pouquinho que tem dois ali em cima que ainda não desceram. Prontos! Vamos lá. Música no radinho. Eles me olham, olham para todos os lados enquanto caminham, chegando a primeira cena ainda tem esperança que eu faça alguma coisa. Se acomodam. As bundas se apertam um pouco para que todos se encaixem. Eu desligo a luz. A cena começa. Termina, luz acesa. Por aqui senhores. Cuidado com a cabeça. Cuidado com a cabeça. Cuidado com a cabeça. Até que o ultimo suba. Sino. Um frio vem de alguma janela próxima. A cena começa em silêncio. Gosto quando o som das duas cenas de baixo se cruzam e fico um tempo imaginando que significados elas podem estar emitindo. Quando as pessoas não entendem a ideia de unir as mãos para o pacto. A gente ajuda colocando nossa mão junto com a do Andrea. O sino toca. No caminho da escada eu e a outra condutora fazemos uma via de mão dupla. Gosto deste momento. Um pouco apertados eles sobem a escada simultaneamente. Vamos pelo cantinho. Podem se sentar. Sento na escada. Observo a Ludovica que as vezes passa lá embaixo, faço alguma gracinha com os fora de cena, com o sineiro que observa da escada se o público da Layla já chegou. Sino. Cena. Sino. Cruzamos o café. Abro a porta. Tá vendo esta janela? A cena é ali. Joguei a frase essencial depois que tive que chamar o público que seguiu reto pela parte de cima do Galpão, completamente perdido. Nesta hora se observa bem o movimentos dos grupos na parte de baixo. É um baile interessante, colorido. O espaço aos poucos se esvazia, o sineiro vem. Sino. Cena. Sino. Vamos? Gosto quando a luz da escada se acende no exato momento em que vamos descer. Espero que todos desçam. Forma de ganhar tempo para cena ao lado. Sino. Cena. Sino. Neste momento penso em muitas formas de cruzar o Galpão da maneira mais lenta possível para não

ter que parar antes que a próxima cena fique pronta. Por aqui. As pessoas se acomodam nos bancos, apertam as bundas, uma fica em desnível. Alguns decidem ficar atrás. Fecho a cortina, depois entro pelo cantinho. Sino. Cena. Sino. Gosto de abrir a cortina enquanto o padre canta a música. Um lado depois o outro. Neste momento eles já entenderam que o sino decreta o fim da cena e começam a sair quase que sozinhos. Este outro cruzamento pelo Galpão também tem que ser lento. Observo os cigarros no chão ao pé do Andrea. Faço as pessoas pararem em frente ao sino. Gostava quando o sineiro ficava por lá e o público pensava que ia acontecer uma cena por ali. Dizia simplesmente: Este aqui é o nosso sineiro. E seguíamos. Tento colocá-las em uma posição em que elas consigam ver melhor a cena. Fecho a porta. Sino. Cena. Sino. No hall uma conversa com o Carlão. Vamos para o ar condicionado. As pessoas do outro grupo sempre voltam de lá de fora felizes, rindo muito. Fico imaginando o que é que o público imagina que vai encontrar por lá ao ver aquelas caras tão alegres. Todos neste cantinho. Façam o sinal do padre. Sino. Vou rezar. Falo para as pessoas irem um pouco para o lado para assistirem melhor a cena. Como o pão de queijo, quando dá. Sino. Entramos. Alguém quer beber um pouco de água?. Silêncio. Entramos no banheiro. Sino. Me sinto participando desta cena, as vezes ajudo o público a dar foco nos lugares corretos. Sino. Cruzamos o paleo de novo. O meu publico sempre fica um pouco para trás neste momento, vou muito rápido. Há muito trânsito na porta, queria que eles me acompanhassem na velocidade, mas nunca dá muito certo. Você consegue fazer eles irem devagar... mas rápido, nem sempre. As pessoas não entendem onde é a cena. Você praticamente precisa colocar uma por uma no local indicado, fazendo tétris para encaixar todos. Fecho a Cortina quando o sino bate, assim ninguém morre sufocado. Gosto muito do rosto das pessoas quando a cortina é aberta no meio da cena e a Ludovica pede para eles saírem de lá. O espanto é geral. O público é tocado de lá feito cachorro. Sempre fico

tentando roubar um copinho de chá quando sobra. Faço bem no momento em que a Ludovica esta dizendo surro! Surro! Surro! Ela nunca percebe. Depois faço uma careta para ela, pelas costas, o público ri, um pouco cúmplice. Neste momento temos que esperar que as pessoas da cena ao lado saiam. O público devolve os copinhos e fica olhando para os lados imaginando a onde ainda podem ir, alguns tem o o impulso de querer atravessar o palco. Chamo todo mundo para o lado correto. Cuidado com o degrau. Sento na escadinha do lado de fora. Por este momento os atores sempre perguntam quantas cenas faltam. Costumava arrumar os bancos do padre. Vejo algumas condutoras do outro lado junto ao sineiro. Quando a Cortina é a aberta pela Ludovica novamente, volto ao meu lugar. Sino. Nesta cena geralmente tenho que dizer para as pessoas saírem de lá. Elas ficam em dúvida se termino, tem um pouco de vergonha de sair, o monge (Thiago) propõe um dialogo outro que confunde as pessoas até que alguém toma uma atitude. Acho bom. Cruzamos pela última vez o palco. Um público desee a escada, a porta tem um pouco de transito, mas sinto que nesta altura do espetáculo as pessoas já aprenderem a se locomover nestes grupos. Chegamos a cena do Carlão. Adoro quando as pessoas não percebem que é cena e começam a olhar para os quadros, etc. Fico impressionada com o fato de sempre dizerem as mesmas coisas, um banco, um sino, um secador de cabelos. Gosto da cara delas quando a pergunta do inicio é refeita. “O que vocês veem ali? É um balde de lixo e uma vassoura, mas pode ser muitas outras coisas.” Cruzo o hall. Agora vocês podem me dar as faixas e voltarem aos seus lugares. Obrigada. E finita la condución!!! Já houve uma época em que eu servia doces entre as cenas. Dadinhos, brigadeiros, moedas de ouro, chieletes com carinhas de sorriso. Esqueletos, bala de bruxa. Isto proporcionava algum jogo, talvez metade das piadas só eu mesma entendia. Virei craque no brigadeiro e grande conhecedora das novidades no ramo dos doces. As pessoas agradeciam no final.

Layla Ruiz

Participar da criação do espetáculo Fólias Galileu foi uma experiência bastante singular, levando em conta a proposta do diretor Dagoberto Feliz de integrar e agregar ao trabalho do ator a responsabilidade de co-autoria do espetáculo.

Ser e poder exercer o papel de ator criador em todas as esferas - escolha de personagem, texto e lugar no espaço - foi muito estimulante porque ampliou as possibilidades de atuação de cada um, por isso considero um trabalho verdadeiramente coletivo, onde todos criaram, se assistiram e tiveram voz. Voz ativa + ação = criação.

Escolher o que dizer, que recorte da história de Galileu te afetou a ponto de contá-la e assumir essa escolha, permitiu que eu pudesse revelar não só um personagem, mas também uma artista, a pessoa por trás da ficção, porque meu desafio foi sustentar e defender minhas escolhas durante toda a temporada, quando acontece o encontro com o público.

Fólias Galileu é um monólogo coletivo, um formato que eu nunca tinha vivenciado e que me levou para um lugar novo, uma outra órbita. Estar em cena só, com o público, mas ouvir fragmentos e ecos do espetáculo reverberando pelo teatro davam outro sentido para a atuação.

Além das características do espetáculo, a possibilidade de estar e dividir a cena com atores de diversas escolas e trajetórias, dentro de um grupo com o histórico do Grupo Fólias sem dúvida é uma experiência que transforma o percurso de qualquer artista, e eu me sinto privilegiada em poder compartilhar e fazer parte dessa jornada.

Bruno Perillo

Um coletivo de atores se organiza para discutir o dilema de Galileu Galilei em seu embate “contra” a Igreja Católica, em prol da “verdade”. As marcas de uma violência que reverberam até hoje sobre nós.

A história dos homens é a história daquilo que sobrevive em detrimento das contradições, dos paradoxos, dos vencidos? “As faces obscuras” da Lua.

Se assim é, a história de Galileu é um dos grandes exemplos disso.

O diretor Dagoberto Feliz sugere, como célula inicial para o trabalho de cada um (e de certa forma até como imagem para este paradoxo), o conflito entre repouso e movimento – inércia e ação. De cara, tínhamos uma ponte concreta entre ciência e arte, arte e ciência.

Para o ator, nada mais instigante do que investigar a partir de opostos, a partir de forças que funcionam como explosões a alimentar a matéria criativa.

Depois disso, a proposta é pensar na figura de Galileu Galilei como uma Presença Ausente. O elenco cria cenas onde o foco, de um jeito ou de outro, se volta para Ele, o protagonista dos eventos, o senhor Galileu, mas é o ator quem está colocado no “centro absoluto” da criação, responsabilizando-se assim por suas ações e opiniões

Dagoberto coordena doze atores/planetas girando em torno de um Sol Ausente (Ele, nosso Galileu), de modo a recriar a “harmonia celeste” e o “organismo vivo”, e até mesmo “divino”, que é o Sistema Solar, e o ator-criador se vê aqui inserido num Universo plenamente disposto a amalgamá-lo, porém, ao mesmo tempo, disposto a testá-lo ao máximo possível em sua fé. Para o bem geral

do coletivo.

Dentro de tal arquitetura, o público, conseqüentemente, é submetido à necessidade do movimento. Dividido em grupos de dez indivíduos, precisa percorrer cada um dos “planetas”, numa ordem aparentemente aleatória, para poder concatenar as cenas, recriá-las em sua mente, e se manter “vivo” na História.

O elenco, por conseqüente, está confinado à “pequenez” e ao “repouso” do seu nicho, e “condenado” à repetição ad infinitum de suas próprias histórias (que por si só representavam “apenas” fragmentos do todo), até que finalmente o círculo possa se fechar, numa trajetória singular, como a revolução de um planeta em torno de uma estrela. Mas então não é esta mesma a matéria teatral?

E ao final, a importância de cada indivíduo, para a compreensão do todo, é elevada ao grau necessário da “desimportância”, deixando resquícios imprecisos nas cabeças de cada espectador. Que agora sim deve prosseguir, em seu longo movimento interno de compreensão.

Osmar Guerra

A sensação de uma grande recepção em nossa casa. Da rua, fachada, a grande sala, cada canto, cada sítio. As visitas chegam e são apresentadas a cada detalhe, são acompanhadas de perto e levadas a contracenar com o espaço. O ator criando a partir do espaço e suas sensações. A repetição incansável das cenas, como um grande coro onde as vozes se entrelaçam e se fundem num caleidoscópio. A público de varias faixas etárias, de estudantes a melhor idade, estabelece uma reação diferente a cada cena, a cada apresentação e o espetáculo se locomove, gira, gira como uma grande esfera. E a pergunta fica: Onde está o Galileu?

Cacau Merz

Galpão... sempre... folias galileu... observador e observado... sempre... comecei no processo... saí do processo... voltei com o caminho processado por meus companheiros... e na substituição - e presente de Dagoberto Feliz e Bete Dorgam - tive que processar as dúvidas, as vontades, as supostas verdades e a felicidade do retorno... viver uma personagem deslumbrada, preconceituosa, facista, decadente... mas antes de tudo me divertir em cena... sempre... mostrar que cada olhar é único, que não cabemos dentro de um modelo... de que vejo aquilo que escolho ver... de novo: observar e ser observado... e como disse Saramago: “se podes olhar vê, se podes ver, repara”.

Após anos, o retorno, o primeiro dia... aquele friozinho no estômago, o medo de esquecer o texto... quase vontade de desistir, mas... 3 sinal... aí acontece - de novo - a mágica: estou no palco e não quero mais sair dele... o texto, as “mareações” são o que menos interessa... quero olhar um por um da platéia, um por um dos meus companheiros; sinto como é bom e mágico - de novo - me alimentar daquela energia; de como o vazio vai se preenchendo a cada segundo, de como tudo passa muito rápido... o tempo é efêmero, mas aí está o segredo que me faz ser atriz: o presente!!! e aqui, presente pode ter vários significados, e todos vão completando de novo o meu coração, o meu corpo e, lógico, a minha cabeça... ação... reação... vazio... preenchimento...

Desculpe a expressão, mas, puta que pariu, como é bom sentir este vazio!!! como este vazio está cheio de possibilidades, como este vazio não tem certo nem errado, e mais, como neste vazio cabe tanta gente... cada um dos espectadores, cada um dos meus companheiros do folias.

Pronto, a apresentação acabou... sensação de nunca ter me afastado dos palcos... mentira... certeza de nunca ter me afastado, porque este vazio sempre estará em mim me preenchendo.

Acho que a última citação, desta vez, Manoel de Barros: “a mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do que do cheio, falava que os vazios são maiores e até infinitos”.

Débora Raquel

Movimento 1º - Coro/ Condutora: Embora no começo do espetáculo ele se apresente como coro ele rapidamente perde essa característica e torna-se parceiro, indutor do público, traçando os caminhos e compartilhando das mesmas experiências. “Tornamo-nos espectadores ativos”, privilégio de ser público e ator ao mesmo tempo.

Movimento 2º - Personagem: A perspectiva é diferente quando se faz a cena: enquanto condutora, já tracei um caminho e acabo revelando coisas que a visão de espectador me ajudaram a construir. Mesmo sendo substituição, a releitura ganha outras características, porque está imbuída da experiência de condução. O momento da rua é a parte mais pulsante, pois se vivencia o real e o fictício, uma vez que a relação com os transeuntes revela seu estranhamento com a personagem, bem diferente da relação atriz, coro do Bar e os diversos cenários ali estabelecidos (estacionamento, vendinha, a própria rua, porta do teatro).



Suzana Aragão

O avesso da cena

Duas considerações se fazem necessárias para nortear este breve relato.

Primeiramente que começo não pelo processo criativo, mas pelo espaço-tempo que não o da cena, o seu fora, igualmente vivo e criativo e profundamente humano, a rua – a cena que acontece do lado de fora do Galpão do Folias.

É com reverência a tudo que já foi feito na relação artista e espaço público que vai desde as feiras medievais, as montagens de Shakespeare, ao teatro junto aos operários. Ao vigoroso teatro dos anos 70, sobretudo na Espanha que ganhou as ruas com muita inquietação política e estética, a B. Brecht, a Augusto Boal. Que divido esta singela e inestimável experiência do convívio.

A cena da Virgínia no confessionário que se dá na bilheteria que está do lado de fora do Galpão do Folias, deu margem a uma inesperada intervenção dos frequentadores do bar em frente ao teatro, pois já fazia parte da cena, invadir o estabelecimento e comemorar o sucesso de Virgínia, brindando improvisadamente com quem ali estivesse. Até que na terceira semana da primeira temporada, um dos frequentadores pediu permissão pra realizar uma intervenção na cena. E para minha surpresa, eles ensaiaram um coro impecável que imediatamente foi incorporado e que contou com a presença de seus novos integrantes durante toda temporada e reestrúas. Essa é a narrativa simples dessa relação que se deu sem nenhuma intenção premeditada, sem nenhum convite. Que brotou sei lá de onde dentro destes homens, um coro sustentado por quatro atuantes fixos e outros flutuantes.

Os quatro cavaleiros de uma empreita cênica - Eles contam que a proposta partiu de Jorge, homem de meia idade tímido, mas inteirado do assunto que versa a obra de Bertolt

Brecht, sempre pronto pra discuti-la. Contou com a animação de Seu Orlando, tenor; dono de uma voz volumosa, dionisíaco por natureza e pela fé na festa e na alegria. Wanderley, quieto, discretamente festivo, teve problema com a esposa no início, pois ela não entendia porque ele não podia faltar no teatro e depois passou a acordá-lo dos seus cochilos do lusco-fusco para não se atrasar. E ele o Rubão, o concreto, o ponta-firme, o pau pra toda obra. É dessa junção alquímica que um coro de homens e mulheres do bairro começou a frequentar a brincadeira da filha do Galileu.

Ah, o dono do bar, por vezes cumpre a função de diretor de cena, do caixa dá as ordens aos contra-regras que já são os seus funcionários. Ouve-se a voz de Seu Raimundo, num volume calculado para o público não escutar. Num sussurro firme.

— Põe a coca no balcão. Ela tá chegando.

— É a cena que assisto ao mesmo tempo em que faço. Ao sair da porta do teatro e atravesso a rua gritando que todo mundo sabe que sou a filha do Galileu. Querem ver?

Dentro do bar, pergunto... _ Quem que eu sou? Quem que eu sou? Dramaturgia deles, o coro do bar, que dá a resposta sincronizada e inesperada (pelo público)...

— Uh! Uh! A filha do Galileu!

— Essa criação deles embora se trate textualmente de simples pergunta e resposta e que sugere ao delírio da personagem, a noção maluca de que é conhecida em Roma e em toda Europa como filha do famoso cientista. Poderia tranquilamente ser uma interação meramente divertida entre teatro e moradores do bairro de Santa Cecília, não fosse o convívio. Que brota do aquecimento dessa atriz que pra fazer o espetáculo, percebeu que não era suficiente apenas contra-regrar seus adereços noutros pontos da rua (o estacionamento, banquinha de pão-de-queijo e bar), mas também con-viver com estes atores que surgiram espontaneamente e por livre parceria ou ainda por simples vontade inexplicável de fazer parte de algo. Qual a possível forma de co-habitar entre o real

52 e ficcional? Não durante a apresentação, mas naquilo que a antecede, naquilo que ainda revela um possível sentido, o encontro e o convívio cheios de riscos, de rupturas de preconceito, capaz de te libertar de vez dessa herança jesuítica de que o teatro tem muito a ensinar e provocar o mundo. Os riscos não são os de lidar com bêbados que aparecem no bar, esse acaba sendo mais um elemento de jogo, mas o de se deparar com os novos atuantes discutindo se Galileu deveria abjurar ou não. E aí não serve discurso pronto e estudado, é a vida e morte em questão ali na pauta do dia. A vida defendida por quem já percebeu que pra lidar com um mundo da Santa Inquisição, seja ela configurada no que for à atualidade, precisa de estratégia. E a falha de Galileu foi tentar resolver sozinho. Assim referem-se à amizade deles, como encontraram ali no bar e na pega, uma nova forma de estar. E no teatro, uma maneira de pertencer; naquilo que lhes conferem. Participar; discutir e até apresentarem suas sugestões, como uma indicação de narrativa para um próximo espetáculo – é depoimento de uma experiência tragicômica vista por um dos atores/freqüentadores do bar. Avisos sobre a especulação imobiliária, o oferecimento de apoio a qualquer dificuldade do grupo. São algumas das atitudes que ecoam pra além da cena, do seu avesso.

A Rua Ana Cintra ganha suas vozes improvisadas, torna-se um palco aberto onde tudo aparece – a miséria, a loucura, a fissura do crack... E uma voz, a do Rafael, um morador de rua que transita entre uma lucidez assustadora e o delírio inaleaçável, emerge e se torna presença exata em muitos momentos da cena. Claro, nunca se repetiu da mesma maneira, mas este homem traçou alguns diálogos com a filha do Galileu que pareciam ensaiados exaustivamente.

No estacionamento ao lado do Galpão do Folias, arrisquei pedir que os funcionários Nildo e Carlito entregassem-me um buquê de rosas brancas. O Nildo interessou-se, deixou se contaminar pelo fervor daquela atriz correndo pelo quarteirão todo

e tornou-se parceiro pontual e íntegro da empreitada. Bom, Carlito com toda a sua boa vontade, não consegue entender o porquê de se entregar a uma atividade sem grandes utilidades.

O prédio em frente tornou-se um mosaico dramático, vozes, textos, perguntas vinham aos gritos de alguns andares dos prédios em frente, do Minhocão e atravessaram a cena. Sempre uma paisagem nova e particular a ser explorada, ouvida e transformada em cena, escrevendo ou ampliando os significados previstos e outros ainda, novos.

O rigor e a poesia andam na rua.

É sempre revigorante retomar o sentido do ofício teatral através de pessoas de outras áreas. Ainda mais quando não envolve nenhuma troca, a não ser a experiência. Refiro-me ao fato que este coro esteve presente em todas as temporadas. É uma única vez que todos precisaram faltar por conta do aniversário da mãe do Jorge, avisaram-me com antecedência e resolveram as devidas substituições, incluindo ensaios e combinados com os reservas. Ainda outro fato, foram as broncas dadas aos bêbados que extrapolavam a participação, cabe muita interferência. Mas eles cuidaram pra não deixar dispersar a cena.

Na retomada do espetáculo em 2014, dois atores do bar faltaram, fui rapidamente saber o que houve e me deparo com o Rubão ao telefone já resolvendo o desfalque. Que se deu por questões de saúde. Bem, nem precisa falar de autonomia do ator, está dada. Não me esperava pra resolver, já o tinha feito.

Obrigada ao Dagoberto Feliz por toda confiança, parceria e troca. Aos artistas e equipe do espetáculo, por compartilhar e fazer deste convívio um sentido próprio pra história do grupo. Aos artistas do Folias que desde sua instalação no bairro de Santa Cecília no ano 2000, batalharam muito para que diversos diálogos e inteições com o entorno fossem realizadas.

E por fim, agradeço a este coro de homens-cidadãos-atores que de muitas maneiras me reconectaram com as exigências e urgências da arte nesse nosso tempo.

Heloísa Cardoso

Meu primeiro contato com a pesquisa do Folias sobre “A vida de Galileu”, de Brecht, foi no segundo semestre de 2012, no experimento que chamamos de “Primeira Lunetada”. Tive a oportunidade de elaborar discursos e propostas cênicas como atriz, explorando uma linguagem mais cômica, com a qual eu não tinha muita experiência anterior. O trabalho de atriz, nesse caso, foi também uma pesquisa de dramaturgia e figurino, pois a criação da personagem e da cena aconteceu de forma bastante autônoma.

Após o experimento, optou-se por manter a estrutura de cenas simultâneas, porém, com mais foco na fábula de Brecht. A princípio, meu desejo foi o de observar as criações de atores mais experientes, aprender com eles, e assistir aos ensaios mais como “ouvinte” do que como atriz. Olhando “de fora”, desenvolvi um interesse pela estrutura geral do espetáculo, e conversei individualmente com alguns dos atores para trabalhar um pouco na dramaturgia proposta por eles. Depois, decidi também unir-me ao coro de atrizes que guiarão o público durante o espetáculo.

A pesquisa do coro estava, individualmente, em estar sempre no limite entre personagem e atriz-guia, e, coletivamente, em encontrar nossa unidade e nossa função dentro da peça. As discussões da pesquisa coletiva foram muito ricas, pois estavam num âmbito dramaturgicamente muito importante para o espetáculo de uma forma geral. Quanto à minha pesquisa individual, senti que, apesar dos ensaios e treinamentos, só consegui compreender essa função de “guia” durante a própria temporada.

Entrar em contato com espectadores muito distintos durante cada apresentação me fez rever decisões que eu já havia tomado enquanto atriz, pois a relação com o público é imprevisível. A experiência de assistir ao espetáculo todos os dias e ter relação direta com o público no Galpão do Folias (e também em outros

lugares) foi a da surpresa constante, tanto diante das cenas, que nunca eram iguais, quanto na relação com todas as pessoas que assistiram ao espetáculo durante o ano de 2013. Percebo que o meu trabalho como atriz, que sempre foi muito racional, adquiriu um grau de prontidão que só uma experiência como essas poderia proporcionar. O aprendizado foi imenso e único.

Adriano Merlini

O processo do Folias Galileu, para mim foi de fora para dentro. Foi a primeira peça que pude assistir, fluir, dialogar e me divertir como espectador e depois fazer de dentro, como ator.

Quando assisti, me senti atravessado, a peça traz uma discussão urgente nos tempos de hoje. Tempos de pensamento em massa sob a ilusão de sonhos individuais e únicos, o que torna uma utópica transformação mais difícil ainda. O desnudar do olhar, a mudança de foco, o estranhar o que parece normal e achar normal o estranho, como propõe o texto, ficam ainda mais presentes na montagem, por conta da encenação, que nos propõe sair do lugar comum na peregrinação de canto em canto, de ator em ator, de discurso em discurso, em busca de algo que não se encontra.

Fui convidado para fazer alguns dias o personagem Andréa. É muito divertido para mim imaginar essa relação entre Andréa e Galileu, entre Andréa e sua crença, assim como bastante prazeroso me relacionar nesse papel com toda a platéia. Porém, para além do prazer de experimentar esse personagem, o mais importante, foi estar dizendo também um pouco do que é dito todos os dias que a peça acontece. Dizendo com a minha voz e corpo algo dito por Reinaldo Maia, Bertolt Brecht e todos que contam Folias Galileu.

Marcellus Beghelle

54

Pode parecer óbvio (ou mesmo clichê) desmerecer qualquer espetáculo como farei a seguir, mas para mim, trata-se essencialmente de um espetáculo de perspectivas, tanto para quem vê como para quem faz. E ó, não são poucas essas tais perspectivas que podem surgir conforme nos locomovemos ou fazemos essa peça pelos (ou nos) recantos do Galpão, percebem-se incontáveis olhares contidos mesmo se observarmos o espetáculo pelas lentes do mesmo percurso, ou da mesma cena, do mesmo nicho. Particularmente, tive a oportunidade de passar pelos seguintes primas: O de acompanhar o processo como ator, o de fazer o experimento como ator, o de bilheteiro, o de público, o de condutor; e, finalmente, como ator substituto em duas cenas diferentes do espetáculo. Ufa! Provavelmente estou me esquecendo de diversos pontos de vista, mas a amplitude da obra me permite não ser capaz de abranger todos eles, provavelmente eu precisaria de muito mais tempo (e ambição) pra visitar todos e ainda não seria o bastante. Mas, imaginem então quantos olhares, quantas sensações, quantas reflexões, quantas indagações, quantas frustrações (confesso que foram poucas) e quanto contentamento foram possíveis para mim ao longo de toda essa fruição pelos percursos que pude vivenciar ao longo do processo e da temporada. Certamente pude revisar diversos conceitos e certezas que para mim estavam consolidados, e se não pude transformá-los por completo, no mínimo, foram saudidos por toda a experiência.

Assim como Capra em “O ponto de mutação”, Galileu (Brecht), nas primeiras cenas do espetáculo, parece questionar o modelo de sociedade ocidental vigente quando constata que não tem tempo livre para se dedicar ao estudo por precisar dar aulas para conseguir os escudos necessários para a sua sobrevivência. O

“estudo” ao qual Galileu se refere, para mim pode ser literalmente o tempo para aperfeiçoamento intelectual como também uma metáfora a qualquer outra atividade que não seja necessariamente uma rotina de trabalho rígida, a qual a maior parte da nossa sociedade se submete, a fim de ter o mínimo de rendimento necessário para pagar suas contas e assim sobreviver; sobrando pouco tempo ou nenhum para o desenvolvimento de qualquer outra ocupação. Como artista, essa questão parece ainda mais chocante, já que escolhi como ofício um meio que não necessariamente, e dificilmente, se enquadra no sistema em que nós vivemos, o que torna a sobrevivência condicionada a diversos malabarismos para alcançar os compromissos financeiros e ainda desenvolver (na ausência de uma definição mais precisa), algo potencialmente criativo e teatralmente interessante para quem faz e quem vê, com o tempo livre restante.

Quando é que nós, assim como Galileu, poderemos agir livremente e plenamente conforme nossas escolhas? Será que como ele, o segredo é nos manter silenciosamente trabalhando para que o legado permaneça vivo até que as próximas gerações possam usufruir das nossas “””””descobertas””””? Enfim, não me parece justo também atribuir um peso “heróico” ao trabalho do ator, afinal tratam-se apenas de divagações pessoais e despretensiosas para o Caderno do Fólias.

Tarcila Tanhã

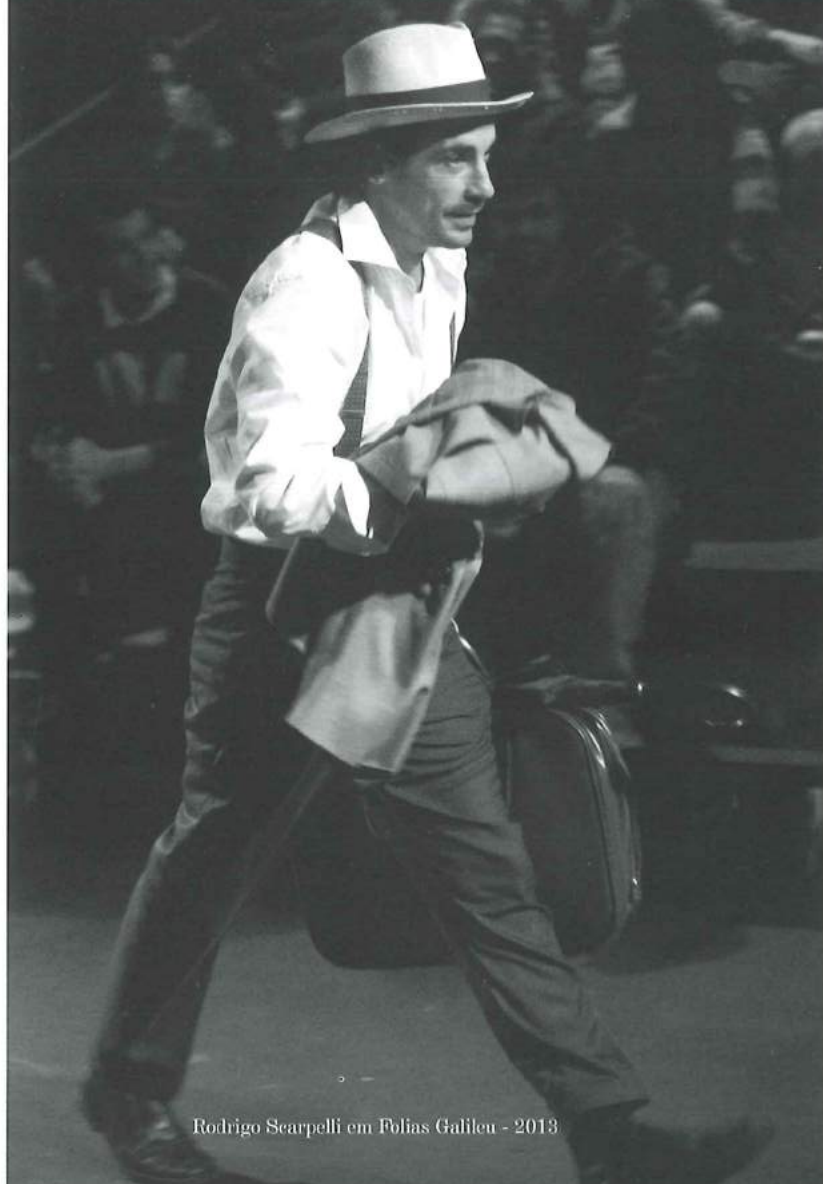
“A gente vai começando a frequentar e você vai achando que é dono e aí ê vai ficando e ê vai cuidando e ê vai se metendo nas coisas, e nem tem um momento oficial assim, ah, você é do galpão, porque você vai meio que tomando, pegando um amor pela coisa do espaço que acaba sendo seu” (Val Pires- depoimento do livro Verás que tudo é Verdade)

Lendo este trecho do companheiro e amigo Val Pires me identifiquei verdadeiramente. Comigo foi um pouco assim e um pouco diferente. “Assim” porque sinto desta maneira e diferente porque quando eu cheguei já estava tudo diferente. Quando cheguei muitos já estavam de partida. E foram aos miúdos... primeiro Reinaldo Maia, depois Marcos Antônio Rodrigues, logo Patrícia Barros, e quando piscamos o olho lá se ia o Carlão.

Eu cheguei menina espiando tudo pelo buraco da fechadura, tímida e, logo tive de me despir e ser prostituta no cabaré do Querô. Isso foi pelas tantas de 2008... Vou saltar no tempo 5 anos. Fólias Galileu 2013. Tenho dificuldades de falar deste processo: foi simples e foi difícil; foi gostoso e foi chato. Já passou um ano que estreamos e olhar para trás e dizer o que se passou ainda é uma dúvida. Hoje, 2014, não sou mais tão menina como aquela que olhava pelo buraco da fechadura, mas ainda vibro muitas dúvidas.

Uma profusão de imagens, sensações e devaneios. Fólias Galileu. Eu, no meio de tudo. Eu, personagem? Tareila? Eu, condutora do público pelos lugares recônditos do nosso galpão. Eu pude ver tudo através da luneta e fui vista através de milhares de outras lunetas compostas de infinitos olhares. Foram 68 apresentações. Assisti e participei de 816 cenas. 9792 cenas no total, 4080 minutos de verborragia. E cadê Galileu? 1632 batidas de sino. Não, eu não sou matemática, nem física, precisei da ajuda para fazer estes cálculos. Resultado desta conta: ainda continuo com o prazer da dúvida. A dúvida me acompanha dia a dia e não há como ser de outra maneira.

Não sou uma obra completa... VRA!



Rodrigo Searpelli em Fólias Galileu - 2013

Marcela Vicentini

A primeira Lunetada:

A leitura de Gaileu Galilei, de Bertold Brecht. Depois a divisão em pequenos grupos e a criação das cenas. Deveríamos escolher um lugar no Galpão. Escolhemos o Cafófo. Deveríamos escolher uma das cenas do texto de Brecht. Escolhemos a primeira. O Alex foi meu parceiro nessa fase e em pouco tempo já confiava muito nele. Escolhemos apresentar a cena sendo os mais sinceros possíveis, em todos os sentidos. Três dias de apresentações repetindo uma mesma cena de sete minutos oito vezes por noite. Cada vez que terminávamos uma apresentação para um grupo de pessoas tínhamos apenas dois minutos para contra-regrar a cena, enquanto arrumávamos as coisas fazíamos um balanço rápido sobre se tínhamos conseguido ser verdadeiros em cena ou não, essa era nossa principal preocupação. A primeira Lunetada acabou. Eu fiquei com a sensação que descortinando os recantos do Galpão do Fólias eu ia também, aos poucos, descortinando as suas memórias.

Segunda fase do processo (como atriz – condutora):

Segundo sinal: As estolas são entregues. Terceiro sinal: Conduzimos a entrada dos personagens de outro tempo para o nosso tempo. Nós temos uma máquina do tempo. Ela fica escondida entre as ferragens entre as ferragens em meio à bagunça do camarim-fantasma. Não se trata de verdades ou de mentiras, mas de qualquer coisa que está entre esses dois conceitos. Ao comando da mãe do Ludovico nós começamos a guiar o público pelo labirinto. São 12 cenas de 5 minutos cada. São 1 hora e 40 minutos. São 8 condutoras, 1 sineiro, 14 atores e mais um que não se vê, mas ele está. É um jogo, mas deveria ser teatro. São muitas vezes, tantas a ponto de ensurdecer. As paredes têm mesmo ouvidos, olhos, boca e coração. O Galileu não veio, não vem, está cansado de palavras, de maças e de física. O último sino toea. O Galpão volta a

ser palco e o público volta a ser plateia. Alguém aperta o botão da máquina do tempo, ela é cruel. Um menino ou um homem está na porta com um segredo na mala e um chapéu na cabeça. Poderia ser uma imagem qualquer, mas não é. Ela tem muitos desdobramentos. A imagem abriga dois tempos em um só tempo. Depois que o público vai embora nós apagamos as luzes e fechamos as portas do Galpão. Enquanto estou a caminho de casa, Galileu está sentado no palco escuro rindo do espetáculo que não estava ele ri e devora um ganso assado às pressas no forno ele ri com a boca cheia e as mãos engorduradas. Galileu acha isso tudo uma bobagem “ele não parou de escrever.”... Gratidão e amor pelo Fólias D'Arte....no Galpão do Fólias.... Com Fólias Galileu... É mesmo na pele que se inscrevem as experiências o resto é só tentativa de organização em palavras.

Substituição da cena O segredo de Andrea:

Um menino em seu quarto, o amor por um mestre, uma descoberta em forma de segredo e a curiosidade infinita da infância. A cena é apresentada no Cafófo. A atmosfera desse canto do Galpão é construída pelos figurinos de todas as peças que o grupo já apresentou o casaco de Otelo e o vestido da Clitemnestra são fantasmas adormecidos no cabide. São todos fantasmas dramáticos e trágicos loucos para entrar em cena. Falamos baixo para não acordá-los. A forma eu já conhecia: 12 cenas de 5 minutos cada. O sino toea e o ator tem 2 minutos para contra regrar a cena e começar tudo de novo. O tempo é circular e repetitivo. Ator e personagem encontram-se eternamente presos no looping do tempo. Quem recebe o público é a atriz, mas quem conta o segredo é o menino. O metateatro se dá na transformação da atriz em menino na frente do público, a faixa que enrola os seios, a camiseta e o boné. Andrea conta seu segredo “A Terra gira em volta do sol” e depois faz o pacto “Ajudem-me a espalhar esse segredo”. Termina a última apresentação para o último grupo de pessoas e desço para encontrar com Andrea, desço para encontrar comigo mesmo em um

tempo futuro, ele esperou a peça inteira por uma resposta e finalmente ela chegou. "Galileu não parou de escrever" agora o Andrea do futuro também tem um segredo. Nós fazemos o pacto e eu vou embora. A máquina do tempo é cruel. Tiro meu figurino e corro pra agradecer o público pelo encontro. Percebo que, como nos ensina Carlos Castañeda, os caminhos que realmente importam são aqueles que possuem um coração. Mais uma vez gratidão e amor pelo Fólias D' Arte nesse imenso Galpão.

Silmara Deon

"O ator é um grande mentiroso? Sim, mas verdadeiro. Como mentir verdadeiramente numa; condução? Indução? De um diretor? E ainda numa dramaturgia que não é sua, para contar uma estória a serviço da arte que escolhi. Sim, nós, os atores, precisamente eu, consigo fazer isso ou penso que consigo rrsrrsrs... Até que chega Fólias Galileu (pra mim que sou íntima, Galileu). Em Galileu eu não jogo diretamente com os meus companheiros, escuto frases soltas, gritos, risos, o sino...e tento reagir da maneira mais fresca e honesta que posso naquele momento. Aqui, nesse processo método (ou método processo, sei lá) eu não tenho o diretor para me dizer se hoje foi bom. Por que? Porque ele está em cena! Aqui, disse o diretor, a responsabilidade é toda minha, me expresse e a consequência dessa colheita se dá na hora! Ai que medo! Pensei: logo eu que pertencço a uma geração de atores que precisa do diretor; preciso me apoiar nele... E quando eu entrar em crise? Nossa!

Passada a primeira semana da estreia a grande descoberta: acabo de dar o próximo passo do meu ofício-trabalho, talvez o mais importante deles, um divisor de águas. Descubro que tenho a coragem de ser quem eu sou! O medo dá lugar a delícia do risco de poder dizer a minha maneira o que realmente penso. A

mentira ganha a maior verdade verdadeira! Mesmo! Aqui, sem esquecer as contribuições, escrevi meu texto, escolhi meu figurino, o meu personagem, disse como queria me comunicar. O ponto de vista agora é meu, agora eu digo qual é o meu olhar sobre tudo. Galileu, eu, o Fólias convidam o espectador para dar um "rolezinho" entre cenas, para assistir cada Ser, se apresentar da forma mais verdadeira possível. Ouvir o que cada ator-personagem acredita. O espectador em Galileu, também tem a sua responsabilidade, tem que escolher, assim como eu tive. Só o espectador, cada qual com a sua individualidade, pode dizer o que acha de Galileu. O que é certo, errado ou simplesmente dizer não sei... Sempre pulsando na criação ainda há o relato de como se dá a relação do ator com o espectador, com os diferentes grupos, lugares...

Na temporada no Galpão do Fólias recebi em meu nicho cênico uma diversidade de Seres, hora jovem, hora mais velho. O legal disso foi ouvir e ver todos os pensamentos. Observar as reações que me obrigavam a pensar e a agir conforme o momento. Percebi que por ter escolhido uma cena com algumas palavras fora do nosso cotidiano e com frases recheadas de metáforas, a cena quase me "obrigava" (em favor do plateia) a mudar de ritmo, de intenção, de interação. NUNCA as apresentações foram IGUAIS. O desafio de sair do conforto do ator inicia-se com um medo que no decorrer da cena se transforma em superação. É claro que havia momentos em que esses movimentos não eram alcançados e como era fácil saber...o público começa a se encostar, a olhar os refletores, os arredores te levando a uma reflexão, esquizofrênica, imediata de que sua concentração caiu, de que suas intenções não estão corretas, que o estado exigido esta equivocado, enfim... Essa mistura de sentimentos, técnica, aprendizado, evolução, regressão, momentos que seguem com o trabalho do ator que busca sua própria dramaturgia na criação resultam num prazer esplendoroso de fazer teatro e na certeza de que esse é o seu lugar, o lugar do ator.

Minhas reverências a publicação tão inspiradora para Galileu do Livro O Ator Criador do saudoso Reinaldo Maia que sempre segue iluminando a luta diária que um grupo de artistas enfrenta diante das especulações. A experiência continua em movimento. A luta pode parecer silenciosa, mas fala alto pela boca do artista, pelas palavras do autor, pela mão do diretor, pelo espectador que não desiste da gente. Há algo nessas relações que nunca serão ultrapassadas ou finitas. Peguem as lunetas! Evoé!

Paloma Rocha

Movimento Constante – uma história. Para. Novo movimento – várias histórias. Poder estar dentro e fora é uma experiência única. Conduzir, ser conduzida. Ser expectadora do espetáculo e ser atriz/personagem. Ser publico, estar com o publico, observá-los, ser observada. Ações, reações. Sino, novo movimento, outra história, um ponto de vista, vários pontos de vista, relato, cena, reações. Novo dia. Movimento, novo publico, publico conhecido. Ciclos de movimentos repetidos, sensações sempre novas. Do novo ao velho, não necessariamente de idade. Ritmo de caminhada... Fica sempre um pra trás. Cuidar, zelar, não apenas pelo seu grupo, mas por tudo a sua volta. Estar verdadeiramente em cena. Estar verdadeiramente fora dela. Ser parte, pertencer.

Ouvir cada canto, conhecer, descobrir, redescobrir. O Galpão grita! Ele vibra! Vozes, passos, musica, sino... risadas, lágrimas... ele pulsa... nos faz pulsar...

O mesmo caminho, sempre uma nova caminhada. Sempre vivo, sempre novo. Oito grupos, dez grupos, doze grupos. Um novo espaço... Cenas conhecidas, sempre renovadas. Reconhecer o espaço, reconhecer o espetáculo. Sino toca, musica entra, discorsi final. Mesma caminhada desconhecida.

Cel Oliveira

Pego licença para dar um relato totalmente apaixonado sobre o espetáculo Folias Galileu e para ser fiel o máximo possível terei que começar essa história um pouco antes do que ela realmente começa... Voltemos no tempo (que alias só me dá voltas!): Sorocaba, cidade de onde venho, eu com 16 anos de idade. O Dago, a Bete e o Esio Magalhães apresentavam uma palestra de palhaço e eu, da plateia, devaneio: “se um dia eu for a São Paulo, quero conhecer essas pessoas!”. Um ano depois lá estava eu, no Galpão do Folias, Santa Cecilia... Sob a direção de Dagoberto Feliz, no elenco, entre tantas outras pessoas especiais que eu nem sonhava em conhecer, Bete Dorgam e preparação de Esio Magalhães. No mínimo, um sonho realizado. E ver de perto tanta gente que eu, sem puxa-saquismo, admiro artisticamente me fez aprender, questionar, quebrar expectativas infantis e dar espaço a novos olhares, horizontes e desafios.

E posso dizer que não foi fácil, aconteceu de tudo, a relação tão próxima do público nos coloca em situações nas quais a autonomia dos atores é fundamental, coube a nós tomarmos decisões rápidas e arcarmos com as consequências. Isso ocorre em todos os níveis no Folias, não há ordens a serem cumpridas, o que há são necessidades e coisas a serem feitas, por isso autonomia e pró-atividade talvez sejam meus maiores aprendizados esse ano. E isso eu espero carregar para sempre comigo.



Tarcila Tanhã, Laruama Alves e Paloma Rocha em Folias Galileu - 2013

Bira Nogueira

Processo um rio
calmaria e corredeiras
desemboca no espaço
estrelas mais estrelas
infestação de estrelas
Galpão cheio de estrelas
galpão mal assombrado
personagens fantasmas
deus e filho = aborto
encontros e andanças
gritos para o sol
senta e espera
mama mama mama
qual a sua profissão?
meu pai não está preso
tom tom tom (contra balde)
eu sou a filha de galileu
sons sons
passos passos
fantasmas loucos
presos em nichos
padres do caralho

falam de Galileu
andanças
100 pessoas procurando
e nada do velho
Federzone operário
polidor de lentes
padres do caralho
sem lentes sem história
arte sem operário
blá blá blá
público não entende compreende
yt zavom! mer
blem blem blem
24 vezes
10 pessoas
visita
tem paixão
alguns nojo rsrsrsr(adoro)
poesia lis istrillissss
triste cicatriz
velho bacana

Alex Rocha

De repente, como em um sonho, eu vi um galpão cheio de gente! Digo de toda gente! Vi pessoas que veem sempre, pessoas que nem sempre veem, e até e, principalmente, pessoas que nunca veem!

Mas dessa vez, era diferente. Pela primeira vez o Galpão inteiro chamou! O prédio abriu sua grande boca e convidou a cada um, e de repente houve um tumulto, uma multidão se aglomerou aqui em frente, reivindicando o direito sagrado de vir. Do meio deles, um senhor muito distinto, dizia: "Cidadão, nós temos direito. O senhor faça a gentileza de nos dar licença". Quando nesse momento, um outro homem, como um trator emputecido, grita: "Não tenho que pedir licença para invadir!! Tem que invadir e pronto! Nós não temos licença, nossa licença é poética!"

Com essa, todos entraram e desbravaram cada canto do nosso canto, nos olharam nos olhos e riram, e choraram, cobraram de nós a verdade! Como se nós fossemos o próprio Galileu.

E no final, levaram cada um, uma página do discurso, e tiveram a sensação que toda vez que estiverem juntos, terão se não todas as respostas, pelo menos saberiam o que perguntar. "vira um contra-balde" puta que pariu, o SINO!!!



Lui Seixas

Início e final

Espaço aberto à mostra – O Teatro Presente: A Luz de Serviço e tudo revelado como é.

3º sinal

Entra música e Luz Cênica (“luz cênica de serviço”¹ e “luz cênica da cena”²)

¹ “Luz Cênica de Serviço”: luz que revela de forma poética (ou com outro olhar) para a própria estrutura do espaço, como plateias, arquibancadas, varas treliçadas de sustentação de iluminação e adereços cênicos, a porta de entrada, etc.

² “Luz Cênica da Cena”: luz que delimita o espaço da cena, mesmo que inclua a plateia, para que instaure o ambiente e o foco das ações.

“Visita!” – Apaga a serviço (mantém as Luzes Cênicas) –
Instauração da Cena

Final do discurso do Andrea – Entra música e Ludovica (representação do “velho”) – apaga “Luz Cênica de Serviço”

Trajetórias – Entra música e “Luz Cênica de Passagem”³

³ “Luz Cênica de Passagem”: luz que não interfere mas revela, dando ao espectador a escolha de foco e assim podendo ter diferentes pontos de vista sobre as mesmas coisas.

Nichos

Aqui as luzes se confundem. O que é luz de serviço pode ser a luz da cena, como também a luz da cena pode ser completamente teatral. A ideia primeira é que a partir de reafinação, troca de lâmpada, posicionamento, ou qualquer outro recurso, haja a transformação da iluminação estrutural em prol da cena. Cria-se o jogo dialógico entre o que é cena e o que real, o que é o espaço em função da cena e a cena em função do espaço. Esta brincadeira também se dá em outros elementos, mesmo que sejam ▶

indiscutivelmente partes da cena ou do espaço. Criam-se dúvidas como: “onde estamos?”, “em que época estamos?” e ao mesmo tempo não se tem dúvidas de que é Teatro e aqui agora!

Cada ator em cada espaço tem uma dramaturgia própria tanto textual quanto da cena, um estilo de interpretação que faz com que seja única (encerrada em si) e plural (interagindo no todo) a relação com aquela plateia para ouvir daquela forma aquele depoimento. A iluminação busca ajudar e provocar: “faz parte do espaço ou foi criada?”. É uma relação ambígua e até contraditória.

Em uma cena, por exemplo, há um personagem que fala em gromelô. É Federzoni, ajudante de Galileu, funcionário, polidor de lentes, o famoso “peão”. Em primeiro lugar, não importa o que ele diz, ele não é ouvido e quase não tem fala na peça escrita por Brecht. Mas ao mesmo tempo, a função dele é primordial para que os estudos de Galileu aconteçam. Portanto, vale a imagem. Em segundo lugar, Bira Nogueira, o ator-criador, não é ator. É cenógrafo, cenotécnico, aderecista, artista plástico, fazedor de teatro e, portanto, ator. Seu espaço, seu local de trabalho, é a cabine. Deste espaço, elaborado e manuseado por ele, surge esta luz, que revela a imagem deste sujeito enfiado neste cubículo entre fios, cabos, ferramentas, aparelhos, livros e lentes... A gelatina que colore a cena faz parte desta cabine, ou melhor, da “Oficina do Federzoni”. Em outro nicho vê-se um padre (Helder Mariani) orgulhoso de seus adereços e vestimentas numa cena completamente sufocante. Sua vaidade e devoção irrefletidas estão mil e uma vezes refletidas e repetidas por entre os espelhos do camarim. Um pin beam cria um fecho de luz na fumaça do turbulo refletida até a mitra criando uma diferença de brilho e intensidade do resto do ambiente. Ao lado, um padre matemático (Thiago Bugallo) numa angústia infinita entre quais papéis acreditar: os dos cálculos e das provas e o dos deuses e santos. Sua luz é a de abajures que ajudam a criar este ambiente soturno de estudos. Ainda temos um asqueroso e sombrio padre (Dagoberto Feliz),

enclausurado num cubículo cheio de velas, que demonstra seu poder aos que tentam contradizer as ordens estabelecidas. O elemento da vela dá a temperatura (de cor e calor) a ambiente e nos remete ao período da Inquisição onde aquilo que Galileu diz que deve permanecer “velado”. Temos Virgínia, em dois momentos: se confessando e se vangloriando de ser a filha de Galileu (Suzana Aragão) pronta para casar com um nobre rico e influente e, em outro momento (Katia Naiane), amargurada com o pai costurando o vestido de um casamento que nunca aconteceu. A primeira alcança a rua e portanto sua luz é múltipla, feita com arandelas cênicas e a luz da rua, dos estabelecimentos, da fachada do teatro. A segunda está fechada (tanto na cena quanto no pensamento), portanto sua ambiência é quase dramática, com um foco e um brilho em seu espelhinho que reflete a sombra de uma Igreja. Em dois momentos também temos dona Sarti, governanta de Galileu e mãe de seu discípulo Andrea. Em um momento (Nani de Oliveira), aparece temerosa sobre a influência que Galileu exerce sobre seu filho e em outro (Gisele Valeri), quase enlouquecida com as consequências de permanecer naquela casa servindo-o e talvez começando a compreendê-lo. A instauração do registro cênico se dá, nos dois casos de uma forma distinta: no primeiro, há a sobreposição de luzes cênicas (de serviço e da cena) que no toque do sino se mantém somente a da cena; no segundo, o público já entra com um clima instaurado, adentrando um outro tempo, recriando este ambiente em nossa “senzala” (quarto de ferramentas e marenaria). Clávio (Flávio Tolezani), padre e matemático, aparece no banheiro, literalmente “passando mal” quando se torna o responsável a dar um parecer sobre os estudos de Galileu. A luz pensada aqui é a de utilização da própria estrutura de luminária do banheiro com lâmpadas que remetem ao sistema solar que ele redescobre. Um brilho de fora completa a cena. O procurador (Silmara Deon) aparece circunscrito em uma vitrine cercado por televisões que filmam algumas das cenas fazendo um discurso

prolixo a favor do capital. A luz, aqui, pretende destacar esta figura neste “patamar” e a contradição se dá na luz de emergência que ilumina o público que se torna aqui figurante da cena. O menino Andrea, que no começo do espetáculo (Rodrigo Scarpelli) aparece querendo ouvir de Galileu o verdadeiro “por que” dele ter abjurado, também aparece ainda criança (Layla Ruiz) completamente entusiasmado com a recente descoberta de Galileu e quer começar a contar para o mundo este segredo de que a Terra gira! Sua luminária no “cafofo” que serve de camarim para a atriz se travestir de personagem, também é referência ao Sol. Carlos Francisco, o “porteiro”, puxa um papo também para questionar o olhar sobre o cotidiano e prostrar sobre ensinamentos de pensadores como Galileu. Sua luz é a de serviço do hall de entrada, com lâmpadas comuns, e, por estar ao lado da entrada para o espaço cênico, vaza uma luz de refletor dando um brilho em determinados momentos escolhidos pelo próprio ator.

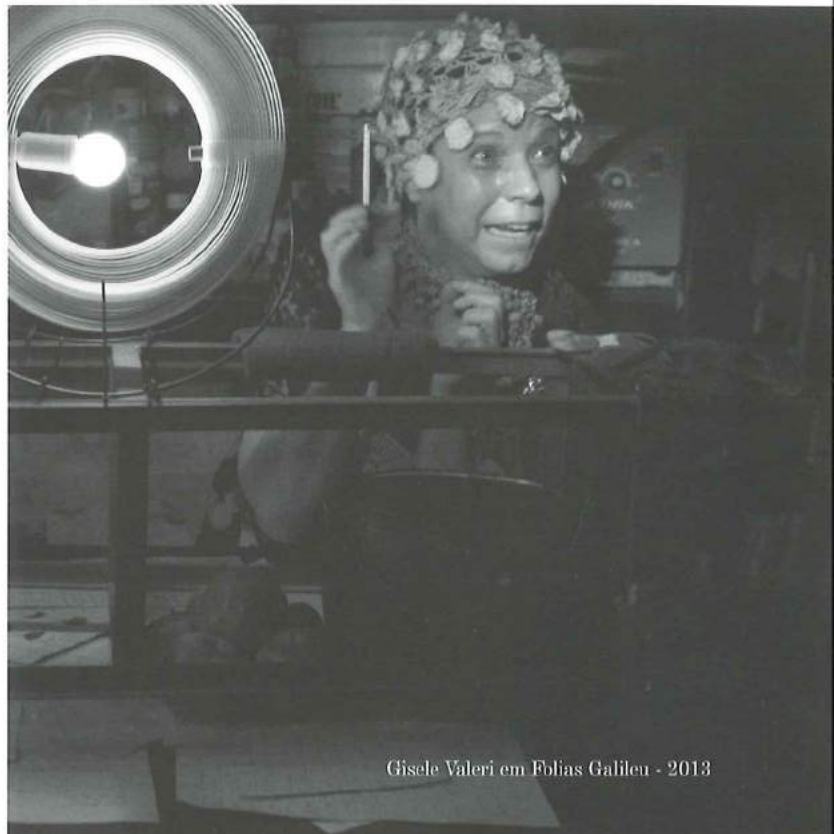
Completamente sensorial, as cenas também dialogam entre si. Muitas vezes por acaso, outras de caso pensado, mas um som ou uma abertura de porta influencia na percepção desta cena presente aqui e que faz com que você veja o mesmo acontecimento por outro ponto de vista, literalmente! Como “o mundo é o que se vê de onde se está”, me diga “agora, o que você vê?”.

Tudo faz parte de um mesmo conceito e tudo é visível, portanto a ideia da iluminação é, também, não priorizar nada, mas colocar simplesmente cada coisa com um foco diferente. Em alguns lugares vê-se uma luz além da que está dentro daquele espaço, que compõe, colore ou dá brilho, em outros é uma luz que simplesmente revela.

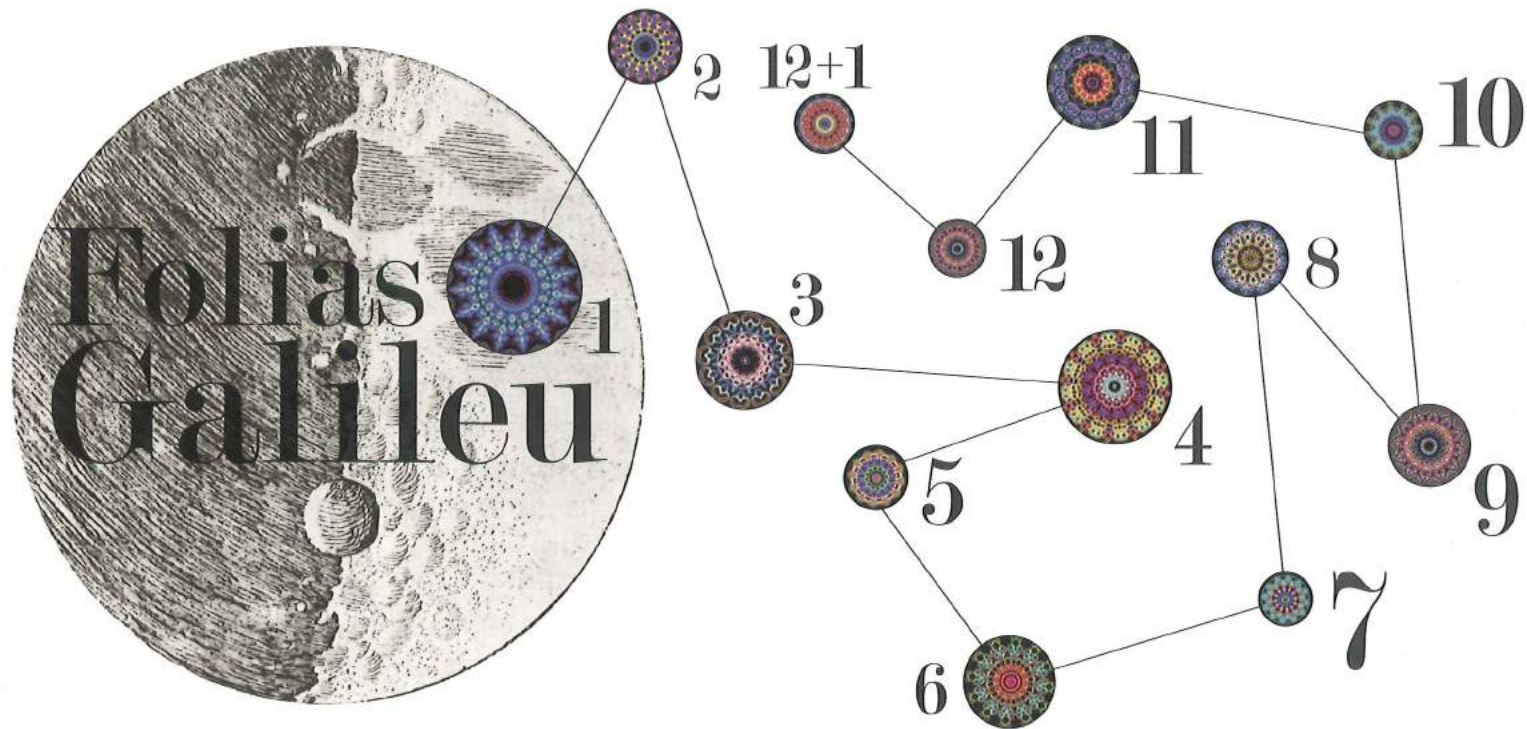
“Distinto público, a ciência neste final
deixa às carreiras o solo nacional.
E nós que dela precisamos mais,
eu, tu, ele, nós ficamos para trás.

Meu vizinho, a ciência agora está contigo.
Cuida dela, cuida bem, amigo.
Que senão ela sobe, cresce, estoura e desce,
nos come a todos e depois esquece.
E depois esquece.”

Bertolt Brecht, em “A Vida de Galileu”







Identidade visual do Folias Galileu, criação de Ieltxu Martinez Ortueta (Artefactos Bascos)

